

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Artes Plásticas
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Processos de Criação em Artes Visuais

Katia Speck
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Branca Coutinho de Oliveira

COLEÇÃO BRASIL SATURNO
PERCURSOS CRIATIVOS — RASTROS, CONDUTAS E MANOBRAS

São Paulo
2023

KATIA SPECK

COLEÇÃO BRASIL SATURNO

PERCURSOS CRIATIVOS — RASTROS, CONDUTAS E MANOBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração Poéticas Visuais, linha de Pesquisa Processos de Criação em Artes Visuais, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Artes, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Branca Coutinho de Oliveira.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Speck, Katia
Coleção Brasil Saturno / Katia Speck; orientador,
Branca Coutinho de Oliveira. - São Paulo, 2023.
3 v. : il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Artes Visuais / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Artes Visuais. 2. Temporalidades. 3. Efemeridade.
4. Reprodutibilidade. I. Coutinho de Oliveira, Branca.
II. Título.

CDD 21.ed. - 700

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

PREÂMBULO PARA A COLEÇÃO BRASIL SATURNO

Este texto apresenta *brasil Saturno* que é, por sua vez, uma trilogia constituída dos seguintes volumes: *brasil Saturno*; *cartografias de um território reflexivo*; e, por fim *percursos criativos – rastros, condutas e manobras*.

brasil Saturno, um dos volumes, mostra três experimentos poéticos concluídos, intitulados *brasil Sa/Soturno*, *Primeiros de Janeiro*, *brasil Soturno* e uma experimentação ainda em andamento. O outro volume da série, *percursos criativos — rastros, condutas e manobras*, diz respeito às variadas práticas, técnicas e procedimentos adotados no processo de criação dos experimentos. Já *cartografias de um território reflexivo* concerne aos itinerários trilhados nas derivas conceituais que a experiência desencadeou.

A dissertação de mestrado é composta pela *Coleção brasil Saturno*, que reúne os três livros referidos acima e a exibição das obras poéticas de mesmo nome. Enquanto as obras finalizadas se abrem plenamente à exterioridade do espaço público, os livros apresentam a interioridade do processo de criativo. Menos acabados, mais dispersos e subjetivos, eles bifurcam caminhos, os multiplicam, revelam os acertos, mas também as desistências e os fracassos.

A composição da *Coleção brasil Saturno* — livros — se fez por textos e imagens que buscam traduzir as zonas de vizinhança dos experimentos poéticos. Somam-se aí notas de jornais, reportagens, conversações, fragmentos impressos e excertos de divulgação científica. Estão também filósofos, escritores e cientistas, através de interlocuções rapsódicas e polifônicas, cujos temas fazem imagens ressoar em mim.

As figuras se compõem com os textos, justapostas, superpostas, recortadas, embaraçadas com a escrita. Nessa trama, acumulam-se fotografias, fragmentos do cotidiano, registros preparatórios, esboços ilustrativos e anotações gerais. Cada fragmento é tomado como objeto parcial autônomo, independente da totalidade da qual deriva e por sua própria potência entra em novas conexões reduzindo as distâncias, neutralizando divergências e intensificando o descentramento, afirmando seu caráter irredutível à unidade.

Os textos, em sua maioria, têm a forma dos aforismos¹. A qualidade aforística é “irmã” do fragmentário; com sua composição paratática, pressupõe que exista mais de uma possibilidade diante da mesma questão. O estilo aforístico de um texto potencializa a desconstrução das convicções categóricas e faz proliferar as fabulações do presente. O gênero aforista sempre esteve ligado à demolição de verdades absolutas.

Na composição de texto e imagem, os estilos fragmentário e aforístico proporcionam o surgimento de traços intensivos que se põem a atuar por sua própria conta. Isso significa que o que é enunciado está expresso de forma paratática. Essa característica faz com que os pensamentos recortados das diversas matérias sejam encadeados segundo uma lógica de coordenação, sem uma subordinação de ideias, sem hierarquização ou predeterminação.

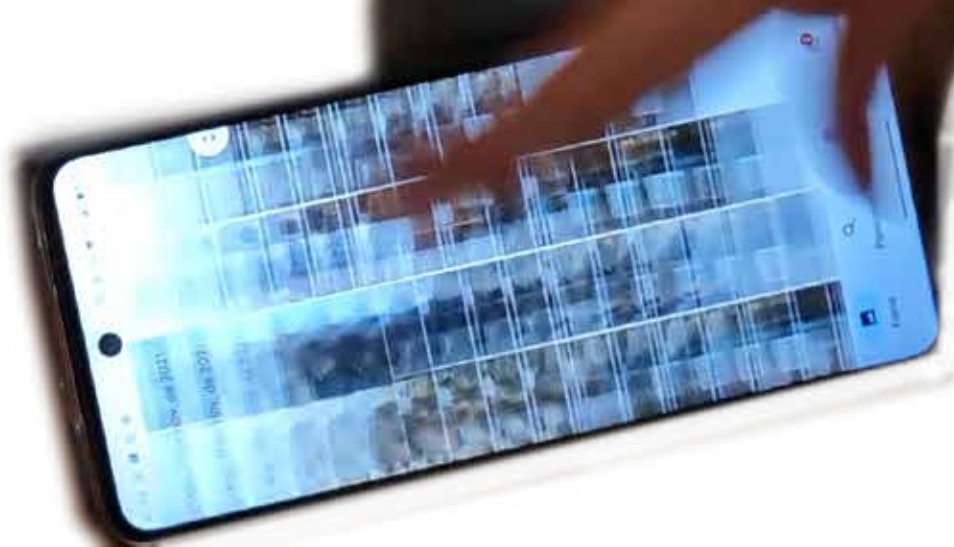
Por último, vale ressaltar: não é a totalidade do processo de criação empreendido que pretendo abarcar aqui, tampouco sua estrutura e muito menos a genealogia das operações poéticas utilizadas, ou princípios de desenvolvimento, mas sim a transversalidade dos recursos e meios recorridos.

¹ A palavra “aforismo” provém do grego *aphorismós*, cujo sentido é dado a partir de *aphorízein* (“delimitar, separar”), derivado da junção de *apó* (“afastado, separado” ou “proveniente, derivado de”), *horos* (“fronteira, limite”) e *horízein* (“limitar”).

SUMÁRIO

PERCURSOS CRIATIVOS – RASTROS, CONDUTAS E MANOBRAS	11
PERCURSOS CRIATIVOS	12
brasil Sa/Soturno	25
Breves observações sobre ciclos e calendários.....	32
Processos para a realização de brasil Sa/Soturno.....	35
Projeto Arquivo da instalação brasil Sa/Soturno	40
Projeto para o vídeo da instalação brasil Sa/Soturno	52
Projeto para composição dos imãs da instalação brasil Sa/Soturno	58
Projeto Calendário da instalação brasil Sa/Soturno	66
1º DE JANEIRO	77
ALASTRAMENTO DOS MICÉLIOS DO PRESENTE PERPÉTUO PELAS RUÍNAS DO PROGRESSO	99
REFERÊNCIAS	118

Percursos Criativos



As obras *Brasil Sa/Soturno* e *1 de Janeiro* foram desenvolvidas como uma investigação efetuada no campo da expressão sensível, de qualidade visual, envolvendo, portanto, uma produção de caráter poético e uma reflexão de natureza conceitual. Por meio de experimentações feitas com base na recombinação de registros jornalísticos de eventos considerados de interesse público ocorridos em épocas variadas, procurou-se criar novas percepções do tempo, do espaço e do corpo não lineares, multiperspectivistas e multidimensionais.

Para a compreensão mais abrangente e efetiva das experiências realizadas, busquei elaborar um formato de memorial descritivo que possuísse características similares àquelas do processo criativo, cujas qualidades pudessem restituir para o leitor o lugar do autor e, por um lado, o colocassem diante das mesmas questões, dúvidas, incertezas e de intuições, segurança, confiança e convicção, por outro. A compreensão pelo leitor das operações empreendidas no processo criativo deveria se dar, como acontece ao autor que as desenvolve, pela sensação. Mas uma sensação inseparável do pensamento, uma *sensação-pensamento*, um sentir que já fosse pensar. Nessa perspectiva, uma estrutura hipotática de texto, que viesse a organizar de forma subordinativa suas partes, manifestaria uma hierarquização das ideias que inexistem em qualquer que tenha sido o ponto do percurso de criação. Assim, optei pela concepção dos memoriais em uma composição textual de caráter paratático, substituindo a subordinação dos eventos pela coordenação dos acontecimentos. É possível que, ao avançar na leitura de um texto desse tipo, se experimente uma sensação de desorientação, pois quanto mais se lê mais se perde, parecendo de início que os conceitos não têm relação entre si, como seria próprio a qualquer redação dissertativa. O entendimento exato parecerá estar sempre além da decodificação imediata da linguagem expressa e, para ser alcançado, seria necessário procurar entradas ocultas, penetrar passagens obscuras que, ao serem transpostas no instante certo, o faria irromper como uma revelação epifânica. O efeito dessa leitura, um tanto labiríntica, força o leitor a lançar-se numa aventura investigativa mais complexa – obriga-o a penetrar as zonas de vizinhança das cadeias significantes do texto, ampliando potencialmente seus significados e impelindo-o na direção de uma multiplicidade de encadeamentos lógicos, cujo

resultado virtualiza novos processos cognitivos. A qualidade paratática desse tipo de redação provoca um vai e vem na leitura que desafia a coerência subordinativa de ideias e intensifica a produção de polissemias. A parataxe convoca uma relação, na linguagem, entre partes não subordinativas. É uma construção gramatical em que os elementos são independentes entre si e os termos são equivalentes. Logo, os assuntos, os conteúdos no texto paratático são relacionados por um método coordenativo, não subordinativo. A ordem hierárquica da apresentação dos conceitos não importa para o seu entendimento, e sim a justaposição, a comparação, a adição. Ao empreender a tarefa de decifrar os sentidos não evidentes da escrita, o leitor acaba por expandi-los e ampliá-los. Isso posto, significa dizer que o leitor eleva-se, ele próprio, à categoria de criador paralelo.

No memorial dos experimentos *brasil Sa/Soturno* e *1 de janeiro*, enfatizando a parataxe, as referências cronológicas das etapas de desenvolvimento da experiência, assim como as continuidades espaciais das imagens de registro, foram substituídas por fragmentos acrônimos e descontínuos respectivamente.

brasil Sa/Soturno e *1 de janeiro* são experimentos poéticos de natureza instalativa. Os textos apresentados a seguir, que compõem parte do memorial descritivo dessas obras, resultam da variada articulação e segmentariedade entre os registros (verbais e não verbais) da pesquisa e que dá sustentação à experiência estético-poética. Esta é composta de revisão bibliográfica, reflexão crítico-teórica e investigação técnica caracteristicamente interdisciplinar e multimidiática.

O objetivo do memorial é expor a metodologia desenvolvida tanto em *brasil Sa/Soturno* quanto em *1 de janeiro*, evidenciando os traços das conexões entre as suas multiplicidades constitutivas, de forma a colocar o leitor diante dos problemas, dúvidas, impasses, imprevisibilidades, erros e fracassos do processo criativo, como também mostrar os acertos, sucessos, fortúnios, revelando tanto as adversidades sofridas quanto os êxitos obtidos, as obstruções encontradas como as passagens solucionadas, e exibindo, inclusive, as virtualidades declinadas no processo. Acumular sentidos é a tônica aqui. Pretende-se que o

memorial possa traduzir a complexidade do método que toda operação poética implica. Nesse processo, geralmente, as ideias surgem desordenadas e logo escapam a si mesmas. Elas fogem, desaparecem, já no momento em que começam a ser esboçadas, são eliminadas por força do esquecimento ou das irrefreáveis precipitações que vão soterrando o que ainda está embrionário. São as luzes dos faróis cotidianos, do “mesmo” que retorna e ofusca e faz com que as ideias se percam, sem cessar, no instante mesmo em que são divisadas.

brasil Sa/Soturno e 1 de janeiro resultaram de uma vivência pessoal que vem relatada a seguir.

Durante bastante tempo, um trabalho dentro de uma hemeroteca me colocou em contato contínuo com arquivos de velhos jornais, desencadeando significativa inquietação quanto à compreensão da evolução temporal e dos acontecimentos nela inseridos: as notícias não paravam de retornar iguais e, a cada vez, tornavam-se, por isso, mais vazias, mesmo e, sobretudo, se grande fosse a quantidade de informações nelas contidas. Essa particularidade acabou por lançar sobre as claras determinações causais, cronologicamente pensando, uma sombra. Esta se transformou numa espécie de “buraco negro” que absorveu toda minha potência afetiva, infletindo-a numa nova experiência do tempo, isto é, “a história saiu do seu eixo teleológico”. Fiquei exposta ao presente contínuo das exigências de compartilhamento da existência, “dessubjetei-me no contemporâneo”. Para Agamben (2009), o que vem nas sombras do presente é o contemporâneo. Entrar na temporalidade do presente, diz ele, “é uma caminhada em direção a uma arqueologia” (p. 18). Para ele, o contemporâneo que se pode entrever na temporalidade do presente é sempre retorno que não cessa de se repetir.

Em todo o curso da experiência de *brasil Sa/Soturno*, o tempo é tratado na perspectiva da contemporaneidade, e isso me requisitou ser contemporânea dos textos e dos autores que pesquisei tomando posição em relação ao presente. Agamben, ao analisar Nietzsche sobre o “intempestivo”, explica que

(...) pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (...) A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. (AGAMBEN, 2009, p. 58)

A operação poética empreendida no experimento diz respeito ao contemporâneo. Tanto em sentido tropológico quanto literal. Ela trata do agenciamento (simultâneo) de tempos diversos enquanto o faz ao pé da letra. O problema que está em foco na contemporaneidade não pertence à esfera da cronologia, no entanto é algo que a pressiona de dentro e a transforma. Essa iminência é a intempestividade.

A especial experiência da contemporaneidade introduz no tempo uma peculiar descontinuidade, que o divide segundo sua atualidade ou inatualidade. O tempo, nessa experiência “está constitutivamente adiantado a si mesmo e, exatamente por isso, também sempre atrasado, tem sempre a forma de um limiar inapreensível entre um “ainda não” e um “não mais” (AGAMBEN, 2009, p. 67).

Ainda, nessa experimentação da divisão temporal, um outro aspecto se evidencia – a contemporaneidade, infalivelmente, coloca em relação aquilo que ela divide: reclama, re-evoca e revitaliza, inclusive, aquilo que havia sido designado morto. Donde se conclui que, tanto passado quanto futuro pertencem ao campo do virtual. Trata-se, então, de buscar, no presente e no passado, perceber não aquilo que é claro e definido, as luzes, mas o escuro. Afastar-nos dos holofotes – que por um lado tudo revela e por outro, nos cegam – significa aqui procurar entrever, na obscuridade das épocas, as virtualidades suscetíveis de atualização. “Por que conseguir perceber as trevas que provêm de uma época deveria nos interessar?”, pergunta Agamben em *O que é o contemporâneo?*. Parafraseando o filósofo – porque é preciso captar na contemporaneidade, em suas bifurcações, seus devires, algo

que lhe concerne e não cessa de interpelar, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ela. Caso contrário, não se compreende nada.

(...) a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo. Arcaico significa: próximo da arké, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto. A distância – e, ao mesmo tempo, a proximidade – que define a contemporaneidade tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem, que em nenhum ponto pulsa com mais força do que no presente. (AGAMBEN, 2009, p. 69)

Excetuando a especial relação de proximidade e distância entre tempos e gerações, um outro traço marcante se expressa no contemporâneo: o retorno. Neste, não é o mesmo o que se repete, é o próprio ato de retornar que insiste em se repetir e afirma essa condição. O *pathosformel* de Aby Warburg, fórmula do afeto, diz respeito à sobrevivência da imagem como fórmula para restituir a “vida após a vida”. Em seu ensaio *Ninfas*, Agamben aborda esse conceito como uma recusa do esquecimento da experiência. Essa fórmula, que faz um estado de afecção retornar através de uma imagem, dá lugar à continuidade do visível na cultura. Em síntese, na experiência que se exerce sob o regime do contemporâneo, é a novidade do arcaico que retorna – o passado virtual.

Nenhuma imagem é original, mas também nenhuma é simplesmente cópia. Nesse ponto vale lembrar que para além da questão do original e da cópia, do problema do uno e do múltiplo, está o conceito de ritual, cuja referência histórica é a religião da Roma antiga. A característica fundamental da religião romana, que recobre a própria essência da romanidade, é a desmistificação.

O desaparecimento do mito, não prejudica a sacralização do rito, significa antes uma tentativa de trânsito entre o sagrado e o profano. Não há um segredo sacerdotal, as mesmas pessoas ocupavam, simultaneamente, cargos civis e religiosos, magistratura e sacerdócio. A repetição ritual aqui não se apoia no

arquétipo mítico, no modelo originário, nem tampouco pretende oferecer o acesso à experiência existencial do renascimento ou de conteúdo autêntico de vida. O rito desmistificado é um procedimento vazio, porém eficaz e sagrado – inviolável, de respeito, profunda veneração, mas sem o caráter de santidade; veneravam tanto o poder do bem quanto do mal, com a mesma indiferença. Se no “ser para a morte” a morte é um futuro iminente, e na morte iniciática a morte é um passado, no rito desmistificado a morte coincide, no presente, com a criação da vida, que não é a vida eterna e absoluta do mito, mas sim as vidas, artificiais e jurídicas – a vida cultural. A simulação ritual da morte ocorre ao mesmo tempo em que a simulação da vida é criada, assim a função do rito sem mito é dissolver o dado natural, tornando o presente, um dado cultural.

Há uma associação frequente no mundo romano entre o culto dos mortos e as ideias de fecundidade. Morte e nascimento escapam a sua dimensão natural para transitarem um no outro. Aqui o conceito de começo não tem significado de origem ou de retorno ao original. O deus do início, Jano, que olha ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, está solidamente ancorado no presente. A concepção de tempo é a do retorno formal do calendário, não a reatualização de um passado mítico, mas sim a estrutura formal de dias úteis, festivos (culto) e de descanso, diagrama apto a conter o diferente, o imprevisível, a novidade histórica. O retorno do tempo formal do calendário não é o repetir-se natural das estações, mas a própria ritualização do tempo transformado em cultura. A imagem aqui já não tem mais objeto original, tem um caráter de simulação, como o deus Jano ela é um início simulado, ancorada no presente, entre o passado e o futuro, repetição forjada na cultura – emancipação da cópia. A imagem aqui não conota a separação entre a vida e a morte, ao contrário torna-as reversíveis. Introduz no reino da morte o dado natural, enquanto o cria como dado cultural. Nesse contexto, da vida natural convertida em cultural, de um lado a imagem é concebida como simulação, cópia sem original, de outro, há nela um jogo de repetições e dissimulações. O autor desta classe de imagem não é um criador original, sua criação está subordinada a uma ação dissimuladora destinada a fazer desaparecer o único, o autêntico, o original, por meio do recurso da multiplicação e da ostentação da multiplicidade. (OLIVEIRA, 2020)

Nesse contexto, para realizar as obras *1 de janeiro* e *brasil Sa/Soturno* foi preciso primeiro pensar qual estrutura de composição poderia viabilizar com maior eficiência o intercâmbio entre os elementos constitutivos dos experimentos, de

modo que o resultado se tornasse um composto indiscernível de originalidade e repetição, no qual forma e matéria pudessem coincidir e, por fim, cuja origem fosse indistinguível do seu vir a ser. A ortogonalidade, como princípio de composição, responde perfeitamente a esse requisito, assim como as qualidades antagônicas do branco e preto e também as combinações de imagem estática e dinâmica.

*

No período entre 2017 e 2018, durante meu estágio na hemeroteca do Museu Victor Meirelles, ao reparar na “coincidência” de uma repetição periódica de notícias, de 28 em 28 anos, acerca de marcantes eventos da história política brasileira, uma questão se interpôs: **o que poderia existir para além da informação?** O estudo comparativo das narrativas sociais, políticas e econômicas, veiculadas pelos jornais, me mostrou o sucessivo soterramento de umas pelas outras ao longo do tempo. Então, a pergunta acima referida passou a orientar as operações poéticas intersemióticas empreendidas nos experimentos *brasil Sa/Soturno* e *1 de janeiro*. Elas tiveram por objetivo primeiro interromper a súbita obsolescência das narrativas passadas. Isso pôde ser experimentado descontinuando a lógica cronológica dos eventos noticiados sem alterar as informações que os constituem nas notícias. Em segundo lugar, mas ao mesmo tempo, o objetivo foi tentar fazer o presente convocar passado e futuro como dimensões simultâneas do devir do ser, como dimensões virtuais portadoras de novos sentidos, novas perspectivas e reconfigurações memoriais.

A pergunta sobre o que há para além da informação carrega um enigma que diz respeito ao sentido da vida em comum. O desejo de dar visibilidade a esse problema, que acredito pertencer à esfera do comum, reflete o desejo de “suplantar os mecanismos gestacionais-produtivos que capturam toda ação humana e marcam toda política com a insígnia da catástrofe” (AGAMBEN, 2009, p. 11).

O desejo de descartar essa política reduzida a uma máquina de governo total e substituí-la por uma política da amizade, surgida na experiência de tempo que nos expõe às exigências de compartilhamento da existência, expressa a inquietação que dá origem aos experimentos *brasil Sa/Soturno* e *1 de janeiro*.

Em *brasil Sa/Soturno*, realizei um levantamento de reportagens e fotografias respectivas a momentos singulares da política brasileira, que significavam pontos de inflexão na trajetória do país. Já em *1 de janeiro*, separei capas de diferentes jornais dos dias 1º de janeiro de todos os anos entre 1964 e 2022, período que compreende dois ciclos de 28 anos. Essas documentações

tornaram-se a matéria-prima de todas as operações poéticas que seriam realizadas a seguir.

Tanto *Brasil Sa/Soturno* quanto *1 de Janeiro*, são composições alegóricas, da classe das bricolagens, pois seus elementos constitutivos provêm de diversos sistemas semióticos. Os materiais que as compõem perdem seus significados meramente denotativos e em seus lugares passam a atuar as duplicidades de sentido – a plurissignificação (multiplicidade de significados). A fragmentação, a bricolagem e a irradiação de sentido conferem à metodologia do processo criativo dessas experimentações seu caráter alegórico. Os experimentos não foram criados como um todo orgânico acabado, ao contrário, por serem produzidos a partir de fragmentos jornalísticos e suas virtualidades de articulação possuem o inacabamento como característica essencial. Walter Benjamin nos previne, a respeito do fragmento, de que “as obras acabadas têm peso mais leve que aqueles fragmentos nos quais o trabalho se estira através de sua vida”.

(...) em nome do infinito (da forma e da ideia) [o artista contemporâneo] intensifica em sua crítica a força da obra de arte acabada, o olhar profundo do alegorista transmuta de um só golpe coisas e obras numa escrita apaixonante. (BENJAMIN, 1984, p. 198)

Agenciar os meios para atualizar a multiplicidade virtual envolvida no *insight* (ideia original desencadeada pela inquietação provocada no encontro com as matérias noticiadas nos jornais pesquisados), operacionalizar os materiais e técnicas disponíveis e avaliar, no processo, os efeitos por elas provocados, comparando-os e relacionando-os aos sentimentos similares promotores da inquietação inicial; não são as três etapas holárquicas apenas do meu processo de criação de *Brasil Sa/Soturno* e *1 de Janeiro*, mas também de todo e qualquer processo criativo.



brasil Sa/Soturno

90°
ent

sol
(horizon)

sage
lan

bois
vis

irer

sur
ans
paysage

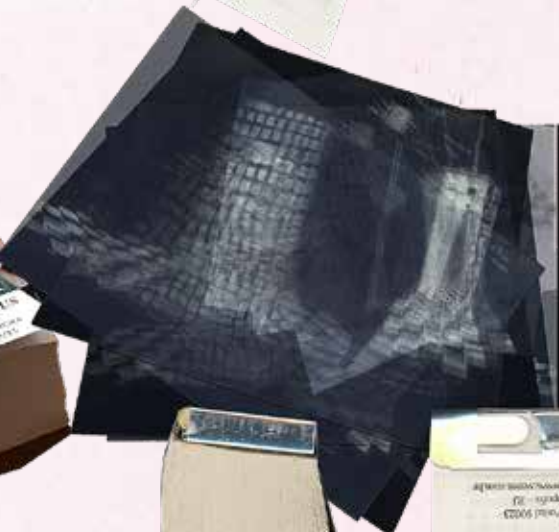
un
en bas

exterieur
erieuse

étiquet

te zone

est
ports
lan





11

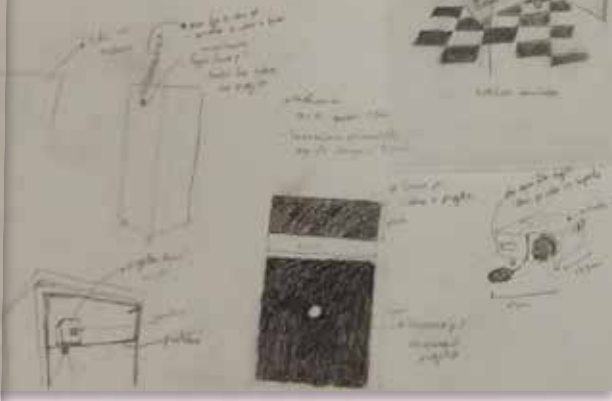
12

15

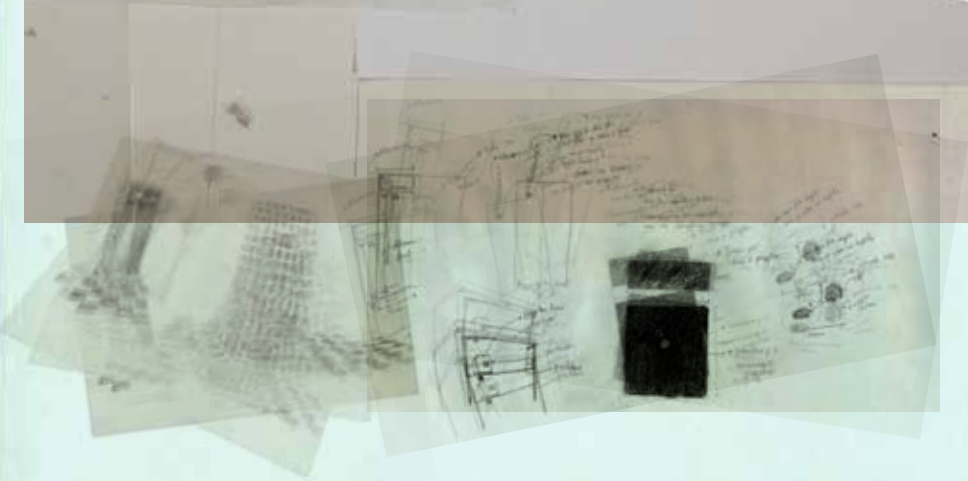
MARCO 15 TERÇA-FEIRA



...EVIDE COMPLETE
...2007, DIC. 2007
11



2007
11





brasil S/saturno
INSTALACAO TÉCNICA MISTA
165 x 80 x 80 cm
2020 - 2022





Breves observações sobre ciclos e calendários

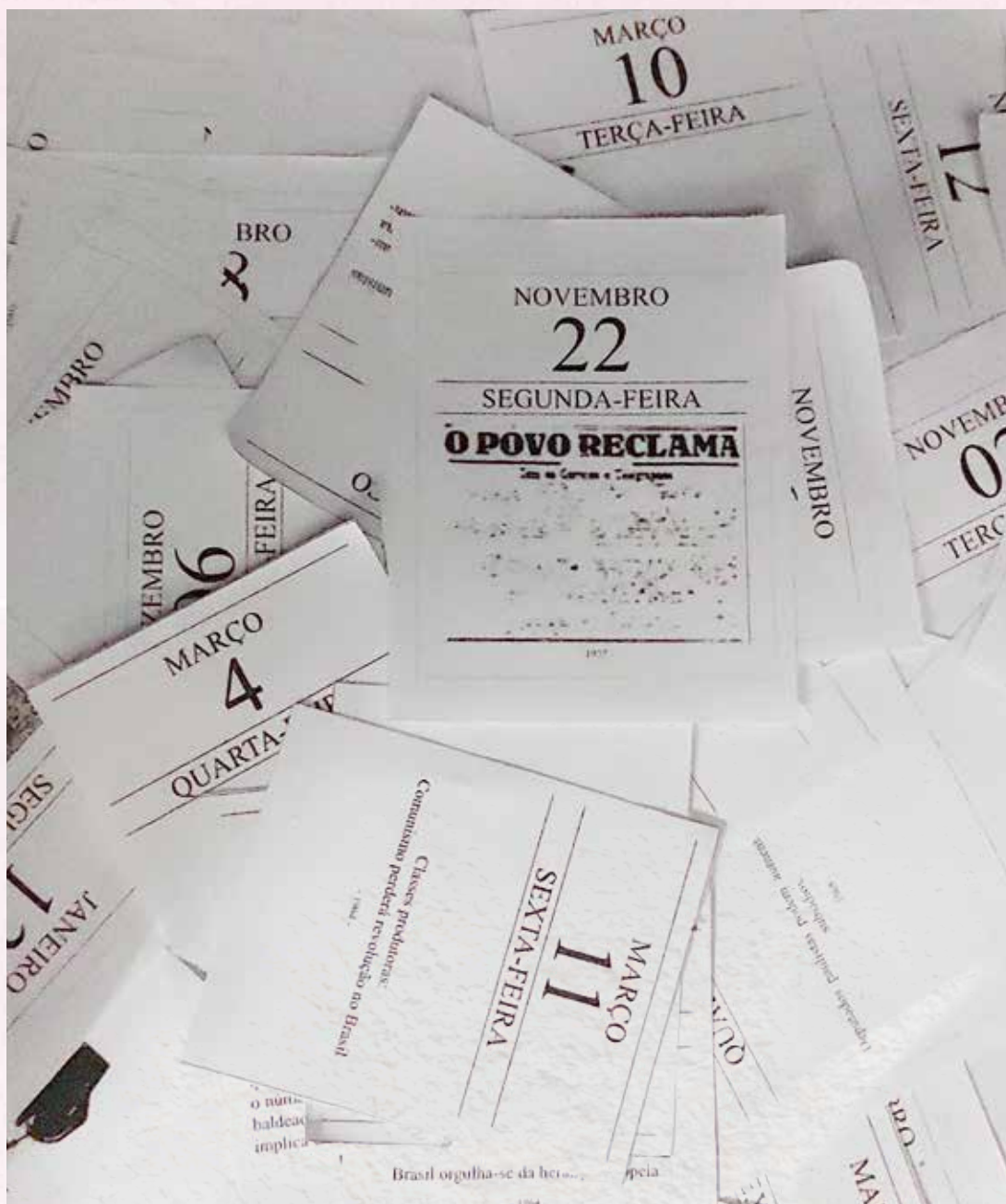
A palavra calendário provém do latim *calendarium*, cujo significado é livro de registros. O termo deriva de *calendae*, que indica o primeiro dia de um mês romano (na antiguidade). O calendário gregoriano, oficialmente utilizado pela sociedade ocidental, tem 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 47 segundos. Daí que, para completar as horas que sobram de cada ano, foi preciso, a cada quatro anos, acrescer um dia ao mês de fevereiro. O ano em que isso acontece é chamado de ano bissexto. Devido a esse dia extra, ao invés dos calendários levarem sete anos para se repetir em relação aos dias da semana, essa repetição ocorre a cada 28 anos.

Assim como o calendário leva 28 anos para que a configuração dos dias da semana se repita, a translação do planeta Saturno leva entre 28 e 29,5 anos para acontecer. Esse processo, chamado de "ciclo de Saturno" ou "retorno de Saturno", é determinado pelo regresso do astro a um ponto inicial, após dar uma volta em torno do Sol, órbita que a Terra leva cerca de 365 dias para percorrer. Para a astrologia, o ciclo de Saturno é um período de mudanças internas e externas, de agir sobre as relações e conceitos que não estão mais de acordo com aquilo que somos ou acreditamos ser e nos vemos compelidos a mudar. A partir dessas reflexões acerca do ciclo de 28 anos, desenvolvi um calendário como experimento poético, que integrou a instalação *brasil Sa/Soturno* – assim mesmo, Brasil em minúsculo, como um "brasil" submetido, cuja soberania relativa revela uma história marcada por ciclos de dependência política e econômica externa. O calendário de *brasil Sa/Soturno* não

possui começo ou fim definidos – é um calendário que reúne notícias jornalísticas do Brasil com intervalos de 28 anos entre si: 1936, 1964, 1992 e 2020. Anos em que, não apenas os dias da semana coincidem, mas também são pontos de inflexão na história política e social do país, marcados por fortes movimentos de mudanças.

Assim, para a realização deste trabalho foram escolhidos jornais de quatro períodos específicos. Naquele momento, considerei que em 2020 o cenário brasileiro apresentou uma economia fragilizada; uma crise sanitária; um declínio no sistema educacional; conturbação social e política; conflagração e desequilíbrio do meio-ambiente; franca decadência do setor cultural e uma ascensão da religião à representante “da moral e bons costumes”. Lembramos que, 28 anos antes, o clima político nacional fez com que o ano terminasse com a notícia de impeachment do então presidente eleito Fernando Collor de Mello. Em 1992, o país ainda se recuperava da superinflação deixada pelos militares e enfrentava crises na saúde com casos de cólera e, principalmente, AIDS, apelidada de “doença da morte” pela mídia da época. Já em 1964, 28 anos antes de 1992, os jornais anunciavam a fragilidade da democracia, indicavam os perigos de um golpe militar iminente e uma possível ameaça comunista. Mesmo antes de instaurada a ditadura há diversos relatos de censura a canções, filmes e até da proibição de beijo na boca em blocos de carnaval. Após o dia 1º de abril, com o *impeachment* de João Goulart, alguns jornais que antes defendiam a democracia passam a elogiar o novo governo ditatorial militar brasileiro. Enquanto isso, as notícias jornalísticas focam nos brasileiros que saem às ruas em defesa da moral cristã e da família. Retornando mais 28 anos no tempo, em 1936, chegamos ao ano que precedeu o Golpe do Estado Novo, instaurado por Getúlio Vargas, em que o território para a deflagração do autoritarismo foi preparado. As páginas dos jornais anunciavam diariamente a terrível “ameaça comunista”, assim como ocorrera em 1964.

O encontro com esses agenciamentos singulares, que interpreto como um “ciclo saturnino” da agenda política e social brasileira, acendeu a minha imaginação para a realização dos experimentos poéticos e das traduções intersemióticas criativas que vieram na sequência.



Processos para a realização de *brasil Sa/Soturno*

Ao ler repetidamente nos jornais as narrativas de política, moda, esportes, publicidade etc., percebi que eram impressas em um espaço especialmente organizado, de modo não a fazer *entender* o conteúdo noticiado, mas a *entreter* e sequestrar a atenção do leitor, e esta consciência desencadeou uma inquietação que ativou meu imaginário (minha imaginação se acendeu e continua excitada ainda hoje, no encontro entre um conjunto de imagens internas e fatos que acontecem no presente), desencadeando automática e inelutavelmente um processo de criação. Lembrei-me imediatamente de Armand Robin e seu método poético de escuta radiofônica¹ e, como ele, coloquei-me em estado de “vacância”, à deriva na paisagem construída pelos jornais lidos, e dessubjetei-me nesse entorno, me compondo com ele. Vago pelos espaços das matérias impressas, à procura de acontecimentos em que presente e passado possam se superpor e coexistir. Sou guiada por essas relações de convergências. As paisagens jornalísticas se modificam no tempo e carregam consigo a virtualidade desses agenciamentos extemporâneos.

A partir das potencialidades do material selecionado no levantamento dos periódicos, busquei criar composições que tivessem o intempestivo como efeito imediato. Por meio da subtração da informação cronológica das matérias originalmente publicadas, procurei manter, no presente, a contemporaneidade do passado e busquei formas de torná-la visível. Para isso tiveram que convergir vários elementos da esfera da visualidade, por exemplo: a direção do campo visual (vertical ou horizontal) e a distribuição dos signos ou elementos visíveis em seu espaço; a definição de formas, dimensões e escalas de proporção; a determinação de cores, luminâncias, contrastes, texturas, grafismos etc. Trata-se, aqui, da resolução sobre

1 Foram encontrados textos de Armand Robin traduzidos de pelo menos 22 idiomas, sem contar os que desapareceram. Para seu *boletim de escutas* na rádio, foi possível enumerar 18 línguas fluentemente receptadas. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, Robin empregou a escuta radiofônica como tática crucial, através da monitoração das transmissões inimigas, ele coletava informações vitais para a resistência, decodificava mensagens e contribuía para estratégias de combate. Para mais informações ver SENRA (2021).

as qualidades e intensidades do conjunto das imagens (o material físico propriamente dito) selecionadas para o experimento.

Em seguida, vale destacar que a ordem da descrição dos meios e materiais usados na operação poética empreendida, que faço na sequência, não obedece a uma organização progressiva, continuada e hierárquica. As escolhas aconteceram entre muitas tentativas que tantas vezes falharam quanto ao efeito que deveriam produzir. As premissas eram:

- Reforçar as características singulares das notícias e frases afins selecionadas dos periódicos pesquisados. Para isso elas deveriam ser expressas como fragmentos impressos, com seus textos e dimensões originais;
- Buscar desencadear a experiência temporal do contemporâneo, assim como, destacar, nas notícias, a sua natureza de imagem reprodutível, retomando o conceito *pathosformel* de Warburg, e, também, evidenciar a função ritual de um periódico jornalístico; portanto, os fragmentos impressos deveriam ter um formato que fosse favorável a sua intercambialidade espacial, que está na base de todos esses aspectos já mencionados;
- O material em que os fragmentos de textos fossem impressos deveria proporcionar a intercambialidade;
- O suporte em que o conjunto de todos os textos impressos fossem exibidos precisaria, além de facilitar a intercambialidade entre eles, fazer ressoar a ideia de arquivo, armazém. E, mais do que armazenar as notícias, deveria transmitir também a sensação de que teria como função conservá-las, ampliando sua "validade" e, simultaneamente, mantendo-as viva, já que notícias são produtos perecíveis.

Atendendo às necessidades descritas acima, selecionei entre as notícias pesquisadas vinte e oito frases enunciadas por ex-presidentes, sem deixar pistas da

autoria, data e contexto. Foram impressas com letras brancas em cima de fundos retangulares pretos, com tamanhos que variam conforme as dimensões de seus textos, sobre substratos que foram adesivados em mantas magnéticas e depois recortados, tentando preservar, dessa forma, a autonomia de cada fragmento: no total mais de seiscentos fragmentos de tamanhos variados formam o conjunto de peças impressas.

Dentre os vários dispositivos estudados para a exibição dos referidos fragmentos, que pudesse reverberar o sentido de armazenamento e amostragem, estão as caixas, os baús, as bibliotecas, os painéis, os arquivos, mas nenhum desses remetia clara e inequivocamente à ideia de conservação, ideia essa que amalgamava todas as outras. Foi nesse ponto que fez todo sentido recorrer ao recurso poético da alegoria. De modo resumido, diremos que a alegoria é uma operação poética em que se apresenta alguma coisa para indicar outra, desfazendo assim

(...) a oposição absoluta entre a semelhança dos termos correspondentes e a sua diferença, ao mesmo tempo em que semelhança e diferença se afirmam. É complicado e paradoxal porque à medida que se afirma a semelhança se dilui a diferença e, ao contrário, ao se afirmar a diferença é a semelhança que fica dissolvida. Mas, efetivamente, é disso que se trata, de afirmar o jogo de contrários numa coexistência, é isso que as figuras condensam. É na qualidade figurativa do signo que o elemento alegórico revela toda a sua potência, a figura quer dizer sempre alguma outra coisa além de si própria, além daquilo que à primeira vista aparece. Ela é sempre multidimensional, porque, subjacente ao seu nível manifesto está uma variedade de conteúdos. (OLIVEIRA, 2000)

Busquei encontrar, para resolver o problema, um móvel cujas qualidades pudessem traduzir em sensação a função de conservar artigos, gêneros perecíveis, além de todas as outras finalidades. Entre tantas possibilidades viáveis, o eletrodoméstico geladeira foi um achado perfeito. Assim, passei a procurar, entre os vários modelos existentes, uma que se parecesse com um arquivo, mas em vez disso encontrei um arquivo que se parecia com uma geladeira. Pinte-o de branco para intensificar a similaridade e distribuí sobre

sua superfície os “imãs de geladeira” – que eram, com efeito, os fragmentos impressos em mídias reposicionáveis – com vinte falas de presidentes que já governaram o Brasil, noticiadas ao longo dos anos.

No fundo do interior do arquivo, em sua parte central superior, foi colocado um pequeno calendário, cujo formato foi inspirado na “folhinha do sagrado coração de Jesus” – no qual cada dia contém, não apenas uma mensagem bíblica, mas também as mais variadas informações como: dicas sobre receitas, “cor do dia” e mensagens motivacionais. Diariamente, arranca-se a folhinha da data anterior e a mensagem correspondente ao dia atual é exibida. Para o meu calendário, apropriei-me de frases e imagens de capas dos jornais investigados, cujos dias do mês e da semana pudessem coincidir com os dias da exposição em que o trabalho fosse apresentado, lembrando que nesse caso, os anos seriam os originais (das manchetes). As folhas arrancadas dos dias passados (durante a exposição) ficariam abandonadas no interior do móvel, acumuladas na base interna inferior, superpostas umas às outras, de modo aleatório.

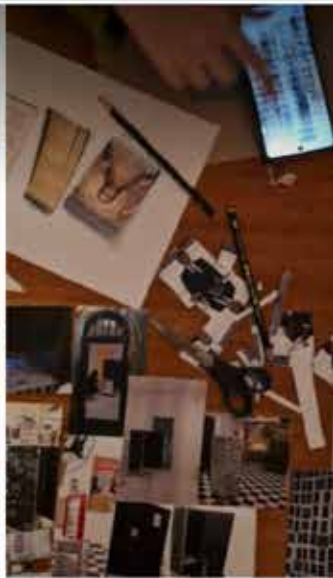
Para intensificar o caráter alegórico da composição e ao mesmo tempo reforçar o sentido da questão política, na sua acepção filosófica que reverbera o pensamento de Agamben, foi criado um vídeo de tonalidade azulada, que além de aludir à luz e ao frio de uma geladeira, remete também ao problema da repetição e do retorno do mesmo. A luz atravessaria o interior do móvel, desde cima, projetando em sua base inferior uma cena que seria exibida em *looping*. O vídeo escolhido para esse fim é de autoria desconhecida e foi encontrado na internet. Tornou-se um “meme” quando em setembro de 2021, o presidente Bolsonaro chamou Michel Temer, ex-presidente, para que este o ajudasse na resolução da crise institucional entre os poderes do Estado, criada e agravada pelo teor violento de seus discursos contra um dos princípios fundamentais da democracia e que constitui uma das quatro cláusulas pétreas (lei que não pode ser alterada) da Constituição Brasileira – a tripartição de Poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário (Constituição de 1891), que são exercidos de forma autônoma.

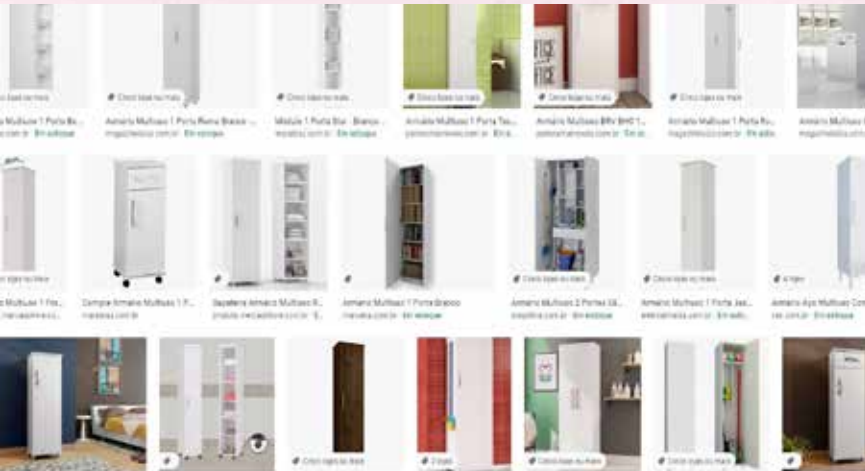
O vídeo realizado para a composição de *brasil Sa/Soturno* foi uma apropriação desse "meme" citado que mostra a cena do presidente Michel Miguel Lulia Temer repassando a faixa presidencial a Jair Messias Bolsonaro, só que "de trás pra frente". A sua reedição foi feita duplicando a cena na *timeline* e invertendo-a temporalmente, isto é, colocando na sequência da cena original sua cópia invertida – o presidente, que passa sua faixa ao presidenciável, toma-a de volta, criando um círculo vicioso infinito.

*

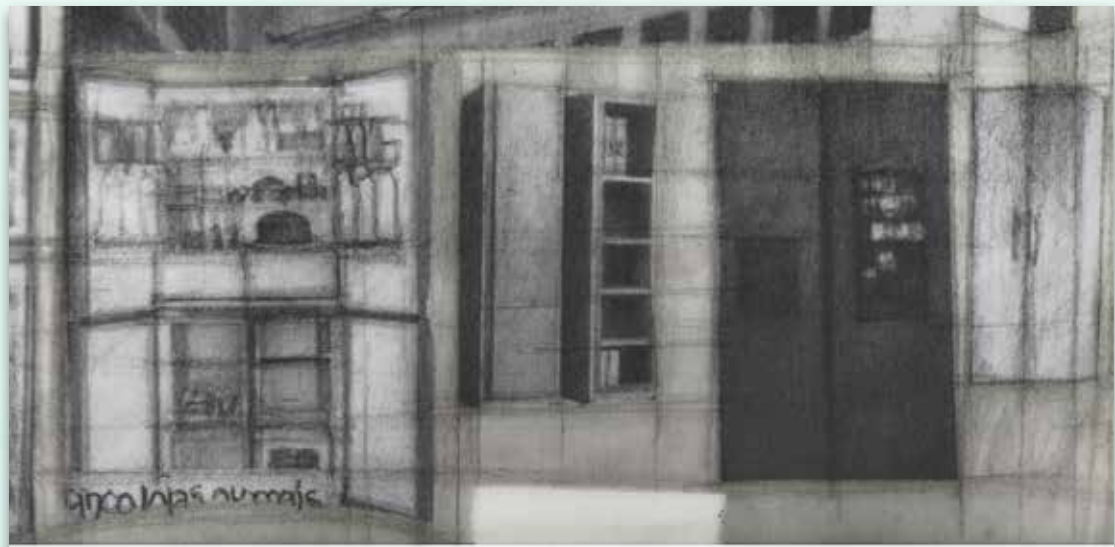
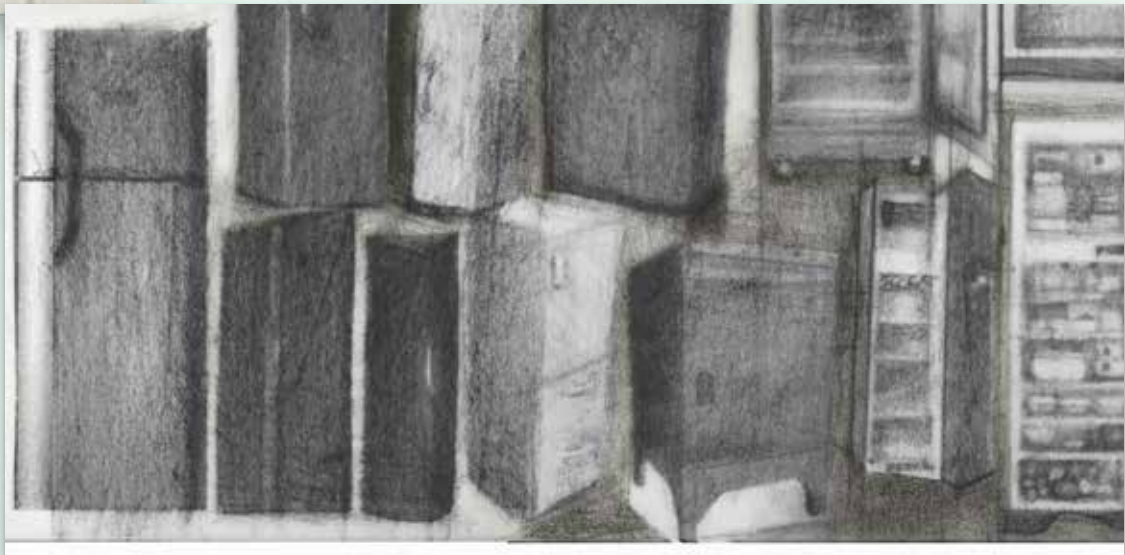
Projeto Arquivo

Quinta-feira













1. entrar com a caixa
 2. reapropriação
 3. aplicar
 4. pagar

* 4 rapazes ≠
 de trabalho
 * 1 homem
 de 50%

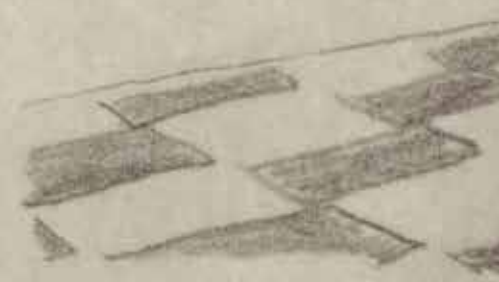
Wala...
→ wala pugutan
pugutan

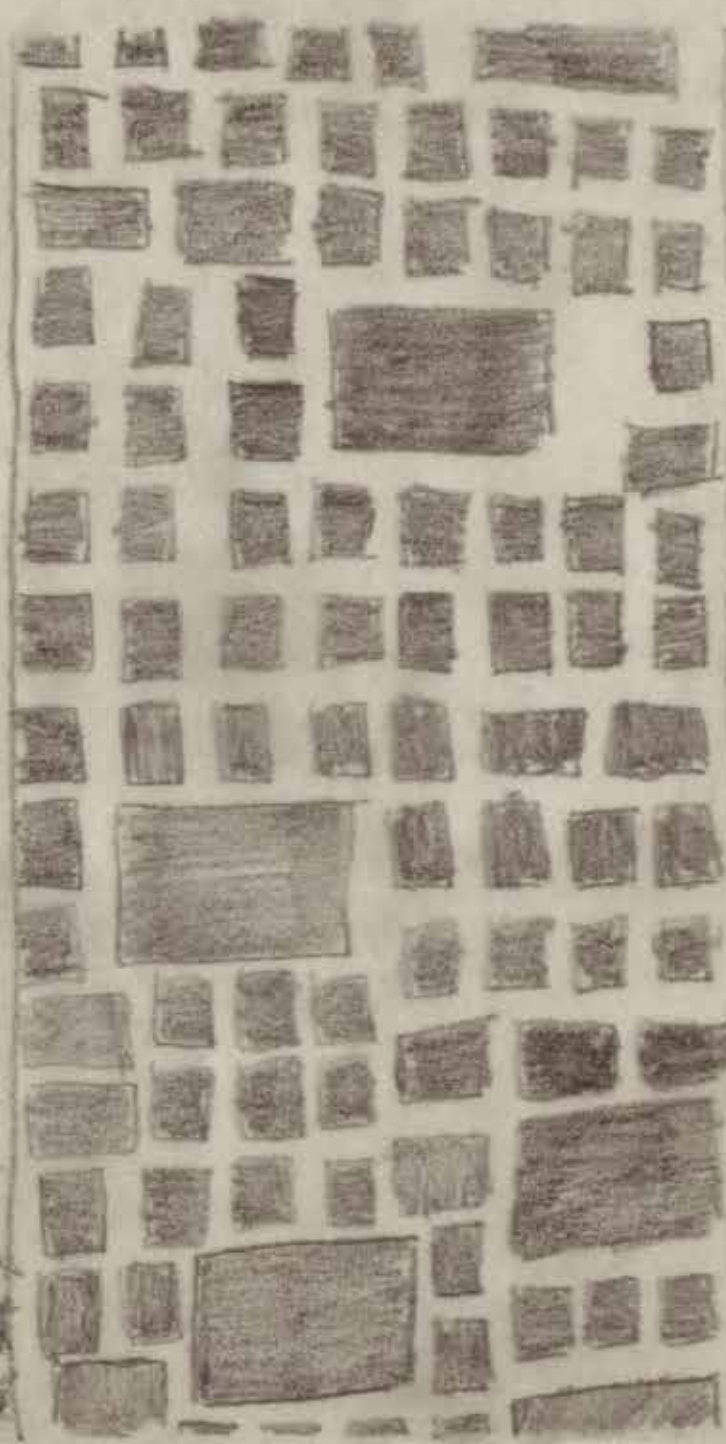
MDF
Fuso no
antiso

lata
reputado



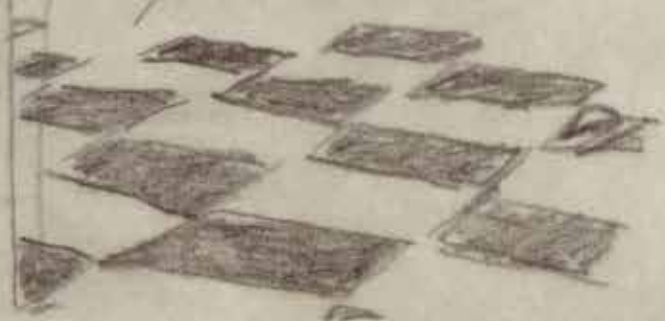
Notiun...
conectados





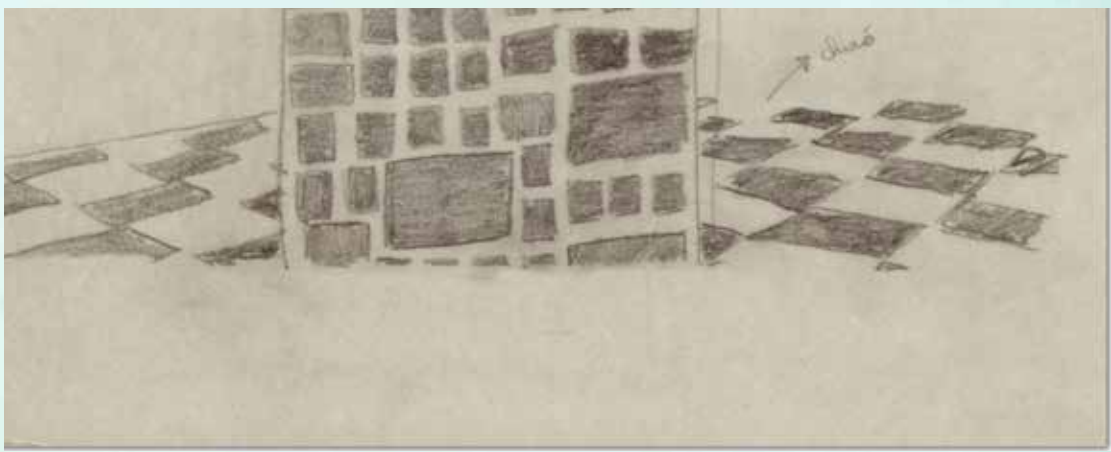
disposições
dos 5 m²
lateral

→ chao





Experiment by Binjoo and
Amit



W. J. ...

Projeto para o vídeo da instalação brasil Sa/Soturno



Algun tiempo a la sa

un propo
plan
per

man =
trabaja
man
man



nas ommis

Tomando a la mano

reparando a la mano

(1)



Tomando Regandos de Voto

(04)



2



Faixa representada

3



elaborando faixa

5



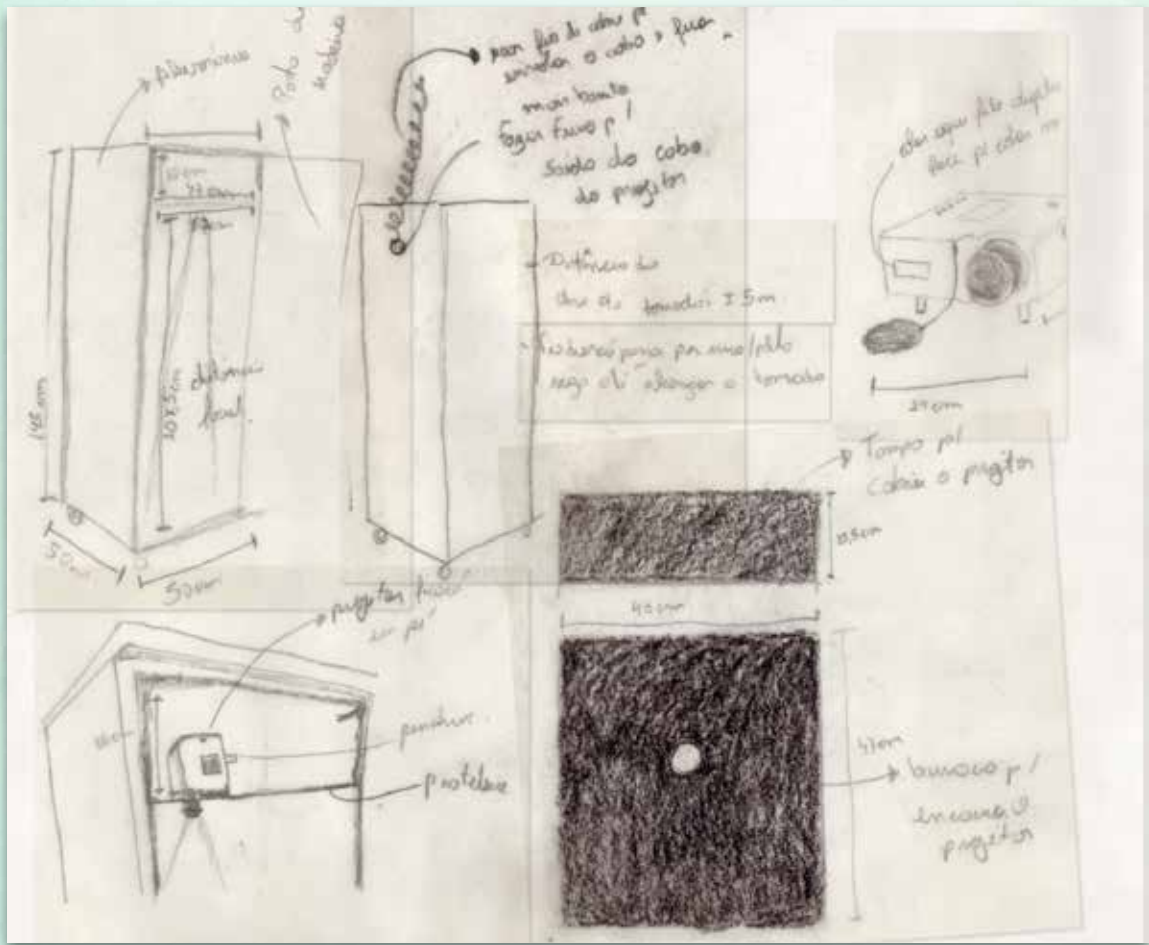
Faixa recolorada

6



MILOX BOB D

V I D E O





Projeto para composição dos imãs



Frases selecionadas para integrar a instalação a partir dos imãs inseridos no entorno da obra

Estamos a um passo da concretização de um verdadeiro golpe de Estado.

Dilma Rousseff
36º presidente do Brasil, mandato: jan 2011 a ago 2016

Frase dita em 29 ago de 2016

Não é meu estilo fazer articulação para atrapalhar o governo. O governo se atrapalha sozinho.

Fernando Henrique Cardoso
34º presidente do Brasil, mandato: jan 1995 a 2003

Frase dita em maio de 2005.

A democracia, em sentido absoluto, não existe. Todas as coisas no mundo, exceto Deus, são relativas.

Ernesto Geisel
29º presidente do Brasil e quarto presidente no período militar, mandato: jan 1974 a mar 1979

Frase dita em 2 de maio de 1977, em Brasília, a jornalistas franceses.

Peço ao povo que me esqueça.

João Baptista Figueiredo
30º presidente do Brasil e último presidente no período militar, mandato: mar 1979 a mar 1985.

citado em "O corpo-a-corpo não pode ser assim", por Malu Gaspar e Alexandre Oltramari; Revista Veja, 2002.

O Brasil vai bem, mas o povo vai mal.

Emílio Garrastazú Médici
28º presidente do Brasil e terceiro presidente no período militar, mandato: dez 1969 a out 1974.

Entrevista com Tarcísio Meirelles Padilha, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1994, citado em "Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura"

A esperança é o único patrimônio dos deserdados, e é a ela que recorrem as nações, ao ressurgirem dos desastres históricos.

Tancredo Neves
Falecido antes da posse presidencial.

Frase dita em discurso na convenção do PMDB, em agosto de 1984, ao ser indicado oficialmente candidato do partido à Presidência da República.

Se eu ganhasse salário mínimo, eu dava um tiro no coco.

João Baptista Figueiredo
30º presidente do Brasil e último presidente no período militar, mandato: mar 1979 a mar 1985.

Frase dita em 9 de outubro de 1979 em resposta a uma criança de 10 anos que perguntou: "Presidente, como o sr. se sentiria se fosse criança e seu pai ganhasse salário mínimo?".

Os números não mentem, mas os mentirosos fabricam números.

Itamar Franco
33º presidente do Brasil. Mandato: 1992 a 1995.

Citado em Revista Veja - Edição 36-39, página 22, 11 de outubro de 1996.

Nós juntos
vamos varrer
a corrupção e
o comunismo
do Brasil.

Jair Messias Bolsonaro
38º presidente do Brasil,
mandato: jan 2019 -
presente.

Frase dita em entrevista
14 de ago de 2018. Dispo-
nível em: < <https://exame.com/brasil/vamos-aca-bar-com-o-coco-que-sao-corruptos-e-comunistas-diz-bolsonaro/>>

O presidente é
um fascistoide,
mas nunca
chegaria perto
do Mussolini.
Não tem a
inteligência...

Itamar Franco
33º presidente do Brasil.
Mandato: 1992 a 1995.

Frase dita em entrevista
15 de nov de 2000. Dis-
ponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1511200015.htm>>

Hoje, se disser
que sou de
esquerda, as
pessoas não
vão acreditar.
Embora seja
verdade. É
verdade!

Fernando Henrique
Cardoso
34º presidente do Brasil,
mandato: jan 1995 a 2003

Citado Folha de S. Paulo.
09/04/2014. Disponí-
vel em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/04/1438019-sou-de-esquerda-mas-ninguem-acredita-diz-fhc.shtml?cmpid=menupe>>

O presidente
deveria ter
um pouquinho
mais de
prudência
sobre o que
diz, porque,
senão, alguém
pode cobrar a
incoerência.

Fernando Henrique
Cardoso
34º presidente do
Brasil, mandato: jan
1995 a 2003

Frase dita em res-
posta às críticas que
o presidente Lula fez
ao seu governo. Data:
28/01/2005.

Não acho que
quem ganhar
ou quem
perder, nem
quem ganhar
nem perder,
vai ganhar ou
perder. Vai
todo mundo
perder.

Dilma Rousseff
36º presidente do Brasil,
mandato: jan 2011 a ago
2016.

Entrevista concedida em
ago de 2015. Disponível em:
< <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/e-se-dilma-ficar-dilma-responde-nem-quem-ganhar-nem-quem-perder-vao-ganhar-ou-perder-vai-todo-mundo-perder/>>

Não vamos
falar em
crise, vamos
trabalhar.

Michel Temer
37º presidente do Bra-
sil, mandato: ago 2016
a jan 2019

Frase dita em maio de
2016.

Quem não
gosta de
política
corre o risco
de passar a
vida inteira
sendo mandado
por quem
gosta.

Luís Inácio Lula da
Silva
35º presidente do Bra-
sil, mandato: jan 2003
a jan 2011.

Frase dita na ocasião
da visita do ex-presi-
dente ao campus da
UFSCar.

Chega dessa
república do
nhem-nhem-
nhem.

Fernando Henrique
Cardoso
34º presidente do
Brasil, mandato: jan
1995 a 2003

s/d.

Não se faz
política sem
vítimas.

Tancredo Neves
Falecido antes da posse presidencial.

Fonte: <http://www.caras.uol.com.br> - 15 de abril de 2010 - EDIÇÃO 858 - Citações - ANO 17

Canalha!
Canalha!
Canalha!

Tancredo Neves
Falecido antes da posse presidencial.

Tancredo Neves no congresso ao atacar quem era contra o golpe de 64, frase histórica citada posteriormente a quem era contra o golpe da Dilma

Posso
conciliar a
literatura
com a
política,
porque hoje
a política
tem muito de
ficção.

José Sarney
31º presidente do Brasil, mandato: mar 1985 a mar 1990.

Manchete em "O Globo", publicado em 26 de ago de 2001.

Nunca seria
um ditador,
inclusive
porque no
Brasil não há
lugar para
ditaduras

Artur da Costa e Silva
27º presidente do Brasil, mandato: mar 1967 a ago 1969.

Frase dita quando ainda era ministro da Guerra e queria substituir Castello Branco no governo.



Abaixo, outras frases possíveis que poderão, em futuras exposições e novas montagens, integrar a instalação:

Não é nada disso, minha filha. Macho é hoje uma palavra unissex.

Frase dita por Tancredo Neves

Seja legal com os seus filhos, eles que vão escolher o seu asilo.

Frase dita por Itamar Franco

Podem ficar tranquilos. Vou ser presidente nos mesmos termos do marechal Deodoro: meus ministros vão poder fazer tudo, menos o que eu não quiser que façam.

Frase dita por Tancredo Neves

O poder é como um salame, toda vez que você o usa bem, corta só uma fatia, quando o usa mal, corta duas, mas se não o usa, cortam-se três e, em qualquer caso, ele fica sempre menor.

Frase dita por Costa e Silva

Nem tudo o que é público é publicável.

Frase dita por José Sarney

Prefiro cheiro de cavalo do que cheiro de povo.

Frase dita por Figueiredo.

É muita pretensão do homem inventar que Deus o criou à sua imagem e semelhança. Será possível que Deus seja tão ruim assim?

Frase dita por Ernesto Geisel

Quem manda sou eu, vou deixar bem claro. Eu dou liberdade para os ministros todos, mas quem manda sou eu.

Frase dita por Jair Messias Bolsonaro.



Projeto Calendário

CIDADE COMPACTA

Atualmente 54% da população mundial vive em cidades, e a expectativa é que em meados deste século esse percentual suba para 66%, segundo a ONU. O que move essas pessoas é busca por melhores condições de vida e oportunidades profissionais sob a crença de que a riqueza se concentra nas cidades. No Brasil, 80% dos brasileiros vivem em cidades. Neste cenário, é preciso que estas estejam preparadas para receber essas pessoas sem que haja pressão nas bordas ambientalmente preservadas das cidades. O desenvolvimento urbano sustentável deve ser pautado em um planejamento que aproveite toda a infraestrutura já instalada na cidade como sistema de abastecimento de água e esgoto, transporte público e equipamentos públicos como escolas, creches e hospitais.

10. - *Brasil: O desafio da sustentabilidade*. 10. - *Brasil: O desafio da sustentabilidade*. 10. - *Brasil: O desafio da sustentabilidade*.

Dia Mundial da População

Quem procria a sua vida, há de perdê-la; e quem perde a sua vida por amor de mim, há de encontrá-la.

Mt 10,39

Nunca deixemos de esperar a misericórdia de Deus!

São Bento

2022 . JUL . SEG

- 192 / + 173

15ª Semana Comum



Lua Quarto Crescente

11



Fragmentos de reportagens de diversos períodos retiradas de jornais para constituir o calendário *brasil Sa/Soturno*



Capa do jornal *Diário de Notícias* do dia 03 de abril de 1964. Fonte: Arquivos digitais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/37668> Acesso em 04/06/2022

“REVANCHE!”

E' um grito que se perdeu nas dobras do passado == Hitler manifesta-se radicalmente contra a guerra

Capa do jornal *Gazeta de Notícias* do dia 26 de janeiro de 1936. Fonte: Arquivos digitais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_06/7646> Acesso em 15/01/2021.



Capa do jornal *Correio da Manhã* do dia 10 de março de 1964. Fonte: Arquivos digitais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/49523> Acesso em 04/06/2022



Capa do *Jornal do Brasil* do dia 13 de janeiro de 1992. Fonte: Arquivos digitais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/67041> Acesso em 15/01/2021.

O RIO É UM VASTO HOSPITAL!

A invasão da influenza hespanhola

A desidia criminosa do governo

O povo sofre os horrores da exploração

Não ha medicos, não ha remedios

Soccorro!

De muitas maneiras, a epidemia alastra-se por toda a parte.

As pharmaceuticals difficilmente conseguem obter os resultados que lhes chegam as mãos e a toda instante, ja se sente a falta de medicamento, que são vendidos a preços exorbitantes. Nas escolas, famílias isoladas são cobertas com a epidemia, sem assistência medica e sem socorro.

O governo está na obrigação de agir promptamente, em defesa da população. Deve organizar uma brigada de actividade publicas, chefiada no medico da Intendencia de Misao de São Paulo, regulando os trabalhos e os estabelecimentos sanitarios, além de que se crie uma policia de fiquero, como está, completamente sem recursos e a corte da epidemia, que já não apresenta a brigueira.



Na Detecção
CERCA DE TRINTA ENFERMOS
 Na Casa de Invenção Nacional, encontra-se a epidemia de Influenza Hespanhola, com cerca de trinta doentes, sendo alguns em estado grave e de prognostico duvidoso.

Na Brigada Policial
 ATÉ OS SERVIDORES ENFERMOS, a epidemia de Influenza Hespanhola, que se encontra na Brigada Policial, com cerca de trinta doentes, sendo alguns em estado grave e de prognostico duvidoso.

E' preciso demittir-o!

O estabelecimento que se encontra na rua da Lapa, com cerca de trinta doentes, sendo alguns em estado grave e de prognostico duvidoso.

A epidemia de Influenza Hespanhola, que se encontra na rua da Lapa, com cerca de trinta doentes, sendo alguns em estado grave e de prognostico duvidoso.

Capa do jornal A Gazeta de Notícias do dia 15 de outubro de 1918. Fonte: Arquivos digitais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/45330> Acesso em 04/06/2022

A GRANDE DESGRAÇA

O "mal de Seidl" progride assustadoramente

E o governo assiste impassivel ao desenvolvimento da epidemia

O NUMERO DE OBITOS AUGMENTA

Não pôde continuar!

graves, numero de cadáveres fabrica pelo "mal de Seidl" entre os seus membros, sendo que se diz que a crise de dois dias.

Por tudo, não havia um diagnóstico geral. Falta ao physicianica todos os recursos da prevenção, não havendo uma só pessoa que não se referisse a doença de Seidl, deixando a mão se abater sobre um dos seus membros.

OS CASOS FATAES
 A epidemia de Influenza Hespanhola, que se encontra na rua da Lapa, com cerca de trinta doentes, sendo alguns em estado grave e de prognostico duvidoso.



Recorte do jornal Gazeta de Notícias, reportagem de 28 de outubro de 1918. Retirado da Hemeroteca Digital Brasil, em maio de 2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/45338>. Acesso em: 04 jun. 2022.

Anno XLIII Rio de Janeiro—Quinta-feira, 24 de Outubro de 1918 N. 285

GAZETA DE NOTICIAS

NUMERO AVULSO 100 RS. Stereotypada e impressa nas maquinas rotativas do Marimon, na typographia da Sociedade Anonyma GAZETA DE NOTICIAS.

O DOMINIO DO "MAL DE SEIDL"

A epidemia ainda faz grande numero de victimas e os socorros publicos andam á maifroca

O governo fornece quatro remedios e com elles pretende curar todos os enfermos

O povo em desespero morre tambem de fome

Recorte do jornal Gazeta de Notícias, reportagem de 24 de outubro de 1918. Retirado da Hemeroteca Digital Brasil, em maio de 2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/45374>. Acesso em: 04 jun. 2022.

A ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO

AOS SEUS ASSOCIADOS
E AO POVO

A epidemia de "Grippe Hespanhola", apesar do grande número de doentes tem-se revelado **mu**ito **ben**igna. Os casos de obito são devidos a complicações, e tem-se verificado que as complicações só apparecem nos individuos depauperados por outras causas e naquelles que seguem tratamento mal orientados.

Os principaes symptomas da molestia são: arrepios de frio, febre alta, dores geraes no corpo e, sobretudo, na cabeça, dor de garganta, tosse, vermelhidão no rosto e nos olhos; ás vezes apparecem alguns escarros de sangue, delirio, vomitos, etc. Estes symptomas são realmente um tanto assustadores, mas não **têm** gravidade. O doente **deve** ficar na cama, tomar logo

Recorte do jornal *Correio da Manhã*, reportagem de 18 de outubro de 1918. Fonte: Arquivos digitais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_02/37068>. Acesso em: 04 jun. 2022.

O "mal de Seidl" progride

A terrivel pandemia, conhecida pelo nome de influenza hespanhola, ou "mal de Seidl", porque deve a sua disseminação á ignorancia dessa autoridade sanitaria, vem tomando taes proporções, que a população já se acha completamente alarmada. O numero de casos torna-se cada vez mais incalculavel, sendo que muitos delles **têm** se **re**velado fataes.

À principio, o mal appareceu sob uma forma **ben**igna, tendo, quando **mu**ito, o inconveniente de reter as suas victimas por alguns dias ao leito. Agora, porém, o caso **é** mais grave, e os obitos se registram ameudadamente. O numero de casos fataes foi hontem fantastico.

Recorte do jornal *Correio da Manhã*, reportagem de 28 de outubro de 1918. Fonte: Arquivos digitais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/45382>. Acesso em: 04 jun. 2022.

“ O que é a democracia? Você não quer? Você não faz. Quem é de direita toma **cloroquina**; quem é de esquerda, Tubalina”

JAIR BOLSONARO,
SOBRE A ASSINATURA DO PROTOCOLO
DE USO DA **CLOROQUINA**

Recorte do jornal O Estado de S. Paulo, reportagem de 20 de maio de 2020. Retirado do Acervo Estadão, em maio de 2023. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200520-46236-nac-1-pri-a1-not>> Acesso em: 04 jun. 2022

O melhor preservativo contra
a "influenza hespanhola" é o —
BITRATO DE ALCATRÃO.
(6336)

Recorte do jornal *Gazeta de Notícias*, reportagem de 19 de outubro de 1918. Retirado da Hemeroteca Digital Brasil, em maio de 2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/45352>. Acesso em: 04 jun. 2022.

Eu ainda não sou vaccinado e, confesso, a vaccina mette-me medo, sobretudo quando medicos distinctos sustentam com dados estatisticos a sua inutilidade.

Outros dizem o contrario?

Concordo; mas não é uma questão bastante esclarecida para que entregue o meu braço á lanceta carregada de pus pestilento do facultativo. Parece-me que é ir ao deante da molestia, quando não está dito nem que terei bexigas, sem essa precaução, nem que com ella ficarei sufficientemente encorajado.

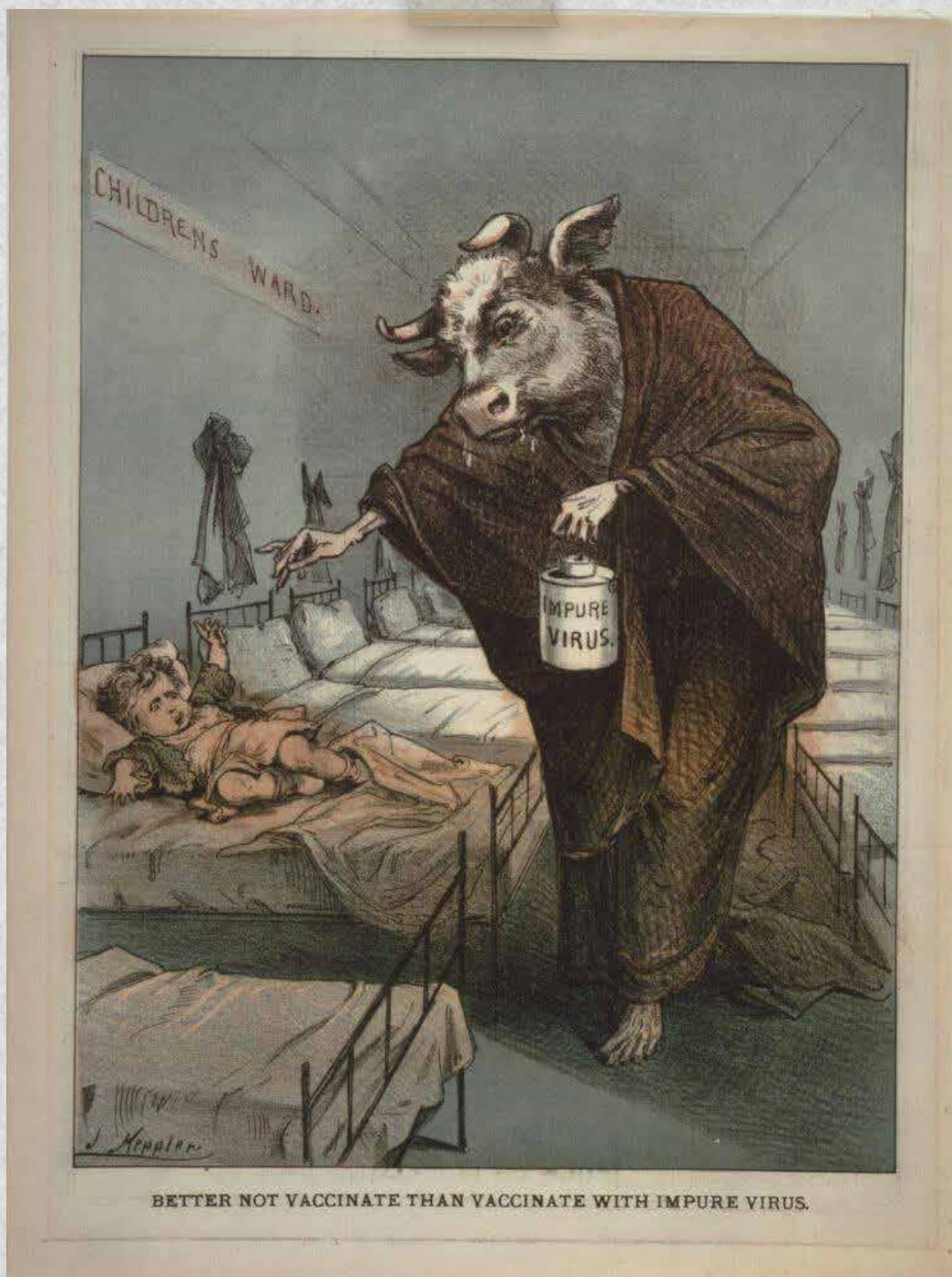
Assusta-me portanto a circular do Sr. chefe de policia mandando que seus subdelegados „façam intimar as pessoas que no seu districto ainda não foram vaccinadas.“

A vaccina obrigatoria!

Mas como, porque, em virtude de que principios eu serei obrigado a inocular-me um virus pestilento? Que meios tem a policia para me obrigar a esse sacrificio? Como, hão de saber os subdelegados que eu não fui vaccinado?

A policia bem podia pensar de outras csuas mais possiveis e não se intrometer na vida privada de cada um. Policiar e não medicinar, é o seu officio.

Artigo publicado na *Revista Ilustrada* em 1881 contra a vacinação obrigatória. Biblioteca Nacional (Agência Senado). Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1881_00267.pdf> Acesso em: 20 maio 2022.



É melhor não vacinar do que vacinar com vírus impuros. Litografia. 1880. Em *Puck*, vol. 7, n. 171 (16 de junho de 1880), p. 276. Joseph Keppler, 1838-1894. The William H. Helfand Collection, 1988. Licença CC BY NC ND SA.

Handwritten notes on the left margin, including the name "B. B. ...".

Main body of the page containing faint, illegible handwritten notes.



1º de janeiro



1 de janeiro

instalação técnica mista
169 x 90 x 51 cm
2022



- Os materiais devem estar dispostos
no suporte retangular de forma
aleatória e retidamente, com
- quanto mais próximos, menos a
legibilidade

- Deputa precioso este método num
âmbito vertical, como se fosse uma
jornal / postal integrando-se a opacidade
do ambiente em que for utilizado
e o conjunto de todos os textos nele
dispostos precioso para ser a ideia de
um umbrel que pudesse transportar e
obscurecer à diferentes dimensões
temporais e para o generosidade do
possibilidade de existência

- Reforçar as características singulares
de cada tipo de jornal, dados
de 1. de Janeiro de anos
diferentes;

- Exercícios a função visual de um
período Jornalístico



Na sequência da pesquisa sobre os ciclos de 28 anos da vida política do país, outra experimentação com base nas semelhanças de fatos ocorridos em tempos diversos – convergências temporais descontínuas – foi iniciada com a primeira etapa para a criação da instalação 1 de janeiro.

Através da Hemeroteca Digital Brasil (BNDigital) e do Acervo Estadão, realizei um levantamento das capas dos principais jornais lançadas ao longo do período compreendido entre os anos de 1966 e 2022. Com o material obtido, dei prosseguimento a uma nova empreitada poética.

Assim como em *brasil Sa/Soturno*, usei a alegoria como procedimento para compor os muitos materiais escolhidos para esse novo trabalho. São informações, referências, subsídios oriundos de diversos sistemas semióticos e, portanto, portadores de qualidades compositivas conformes ao modo operativo da bricolagem. Esses materiais, que na sua origem já são reproduções, perdem mais uma vez seus sentidos denotativos para darem lugar a outros, em devir. Por meio da conjunção de reproduções

visuais de capas de periódicos de 56 "primeiros dias do ano", buscou-se pôr em questão as similaridades e diferenças entre épocas e acontecimentos diversos, principalmente no que diz respeito a promessas e planos de distintos setores da vida... O primeiro dia do ano representa, para a sociedade ocidental, um período de recomeço e novas oportunidades; no presente trabalho, está problematizada a ideia de todos os recomeços do passado e futuros desejados no presente.

Farei em seguida uma descrição dos meios e materiais usados no processo criativo de *1 de janeiro*. Apesar de postas aqui em sequência – que poderia sugerir uma hierarquia ou organização progressiva das estratégias adotadas –, as operações empreendidas na experimentação configuraram uma metodologia poética desenvolvida de modo paratático, com conexões paralelas e não subordinativas, compostas de tentativas entre erros e acertos, — seguindo as subseqüentes premissas:

- Reforçar as características singulares de cada capa de jornal, datada de 1 janeiro em anos diferentes;
- Evidenciar a função ritual de um periódico jornalístico;
- Os materiais deveriam ser dispostos no suporte retangular de forma aleatória e verticalmente compostos – quanto mais próximos estivessem do lado inferior, menor deveria ser a sua legibilidade.
- O suporte precisaria estar montado numa área externa, como se fosse uma janela/portal, integrando-se à arquitetura do ambiente em que fosse instalado e o conjunto de todos os textos nele fixado precisaria fazer ressoar a ideia de um umbral que pudesse transportar o observador, simultaneamente, à diferentes dimensões temporais e, mais do que apenas exibir a composição de notícias anacronicamente construída, deveria passar a sensação da possibilidade de existência, em algum lugar, de mundos impossíveis no

plano do real, em que o passado não passasse e o presente, em sua natureza imediatamente perecível, já se confundisse com o futuro.

Atendendo às necessidades descritas acima, selecionei as 56 capas de jornais datadas de 1º de janeiro, que foram cuidadosamente impressas em papel arroz para que, ao serem submetidas à técnica da encáustica, ganhassem certa transparência e pudessem ser, sincronicamente, vistas. As notícias impressas foram fixadas com encáustica, na vertical – de maneira a, propositadamente, subverter a ordem histórica ou teleológica dos acontecimentos –, em uma placa de acrílico transparente (medidas 1,68 cm x 90 cm). Sobre a colagem das imagens, apliquei uma nova camada de encáustica para causar um efeito de *blur/babble* (fora de foco e ruidoso) na composição. Essa camada final era mais rala na parte superior e seguia engrossando para parte inferior do trabalho, o que resultava em maior nitidez das imagens situadas na parte cima que as localizadas na de baixo, numa transição do tipo degradê. Procurei deixar nas partes mais densas, pequenos fragmentos à mostra, como partículas metaestáveis em novos processos de individuação.

Dentre os vários dispositivos estudados para que pudesse compor o material selecionado, reverberando aberturas para novos processos de significação – visto que a marcante data de 1º de janeiro na cultura ocidental representa novos inícios –, aí estão as janelas e as portas que são como passagens para novas viagens. Nesse sentido, levando em conta o lugar em que a obra seria instalada – um prédio –, escolhi venezianas para enquadrar o experimento, mantendo assim um diálogo com a arquitetura original do espaço. Na arquitetura, esse estilo de janelas grandes é utilizado, geralmente, quando se deseja que entre uma grande quantidade de luz no interior do cômodo construído. Elas também possibilitam uma grande troca de ar no ambiente. Pinte as venezianas de preto para salientar o caráter estereotipado da cultura de processamento das informações que as matérias jornalísticas expressam. No entanto, no trabalho elas são exploradas como contrainformações, resistindo à cristalização dos sentidos pré-estabelecidos com claras finalidades dos meios de comunicação.











O ESTADO DE S. PAULO

Egito quer unido dos árabes contra Moscou

ONU adota proposta dos EUA contra Irã

Figueiredo pede austeridade

A crise já custa mais 35% hoje em SP e Rio de Janeiro

Brasiliza começa a ser mais penalizada

Arbitragem mais rápida e eficiente

Para crescer, os investidores

ONU adota proposta dos EUA contra Irã

Figueiredo pede austeridade

A crise já custa mais 35% hoje em SP e Rio de Janeiro

Brasiliza começa a ser mais penalizada

Arbitragem mais rápida e eficiente

Para crescer, os investidores

O ESTADO DE S. PAULO

Promessa de Delfim: "quebrar" a inflação

CMN deve lutar ao lado, "sem impacto"

Argentina quer recuperar as ilhas Falkland à força

Os EUA desarmam o repressão austriaca

Suriname já prepara as nacionalizações

Região está disposta a fazer concessões

Argentina quer recuperar as ilhas Falkland à força

Os EUA desarmam o repressão austriaca

Suriname já prepara as nacionalizações

Região está disposta a fazer concessões

O ESTADO DE S. PAULO

Papa fala de paz e da família

Sonho do Cruzado custou 6,5 bilhões

Novos deputados são 61,81% do Cômputo

Profiteiros gastaram 320 milhões por mês

Suriname: guerrilha se arma no Brasil

Papa fala de paz e da família

Sonho do Cruzado custou 6,5 bilhões

Novos deputados são 61,81% do Cômputo

Profiteiros gastaram 320 milhões por mês

Suriname: guerrilha se arma no Brasil

Papa fala de paz e da família

O ESTADO DE S. PAULO

Chineses pedem o embargamento

Ministro admite que o Proelcom aumente inflação

A morte de McLaban no Canadá

EUA oferecem 5 bilhões ao Irã

AFM explica a saída de Palacios "Rotina"

Argentino vai de pagão para viajante

Sighebe comemora o aniversário presidencial

A publicão do Brasil para África

Chineses pedem o embargamento

Ministro admite que o Proelcom aumente inflação

A morte de McLaban no Canadá

EUA oferecem 5 bilhões ao Irã

AFM explica a saída de Palacios "Rotina"

Argentino vai de pagão para viajante

Sighebe comemora o aniversário presidencial

A publicão do Brasil para África

O ESTADO DE S. PAULO

Os militares dão golpe e tomam o poder na Nigéria

Agora, governo procura diálogo com a oposição

Melhor o vestimenta, apesar da incerteza

Seguro reconvém, a expectativa para EUA

Muito papel girando, E não criado nada

Os militares dão golpe e tomam o poder na Nigéria

Agora, governo procura diálogo com a oposição

Melhor o vestimenta, apesar da incerteza

Seguro reconvém, a expectativa para EUA

Muito papel girando, E não criado nada

O ESTADO DE S. PAULO

Fevereiro, prazo para a Constituinte

Cover quer Ervício no PMDB

Sighebe registra a queda de todos em 1988

Muito papel girando, E não criado nada

Os militares dão golpe e tomam o poder na Nigéria

Agora, governo procura diálogo com a oposição

Melhor o vestimenta, apesar da incerteza

Seguro reconvém, a expectativa para EUA

Muito papel girando, E não criado nada

O ESTADO DE S. PAULO

Presidente agrava o C&F 19,45 trilhões para as estatais

Agenda, na Polônia, o trabalho obrigatório

Empreiteira quer ser ouvida pelo governo

Refino de óleo perde US\$ 10 bilhões em 81

A China libera a agricultura para o mercado

Presidente agrava o C&F 19,45 trilhões para as estatais

Agenda, na Polónia, o trabalho obrigatório

Empreiteira quer ser ouvida pelo governo

Refino de óleo perde US\$ 10 bilhões em 81

A China libera a agricultura para o mercado

O ESTADO DE S. PAULO

Tancredi agradece a lealdade do presidente

Violência e mortes. Pressões tentam fugir

A China libera a agricultura para o mercado

Tancredi agradece a lealdade do presidente

Violência e mortes. Pressões tentam fugir

A China libera a agricultura para o mercado

O ESTADO DE S. PAULO

Prefeitos assumem heranças amargas

1988/89

Fidel faz apelo pelo diálogo que se inicia

Prefeitos assumem heranças amargas

1988/89

Fidel faz apelo pelo diálogo que se inicia

O ESTADO DE S. PAULO

Empresários apostam numa inflação menor

Novo governo Mancha de óleo romeno dissolve polícia política anuncia liberal do Marrocos

Castro passa exílio nos Filas Seychelles

Profêta ignora plano e perde popularidade

PI mantém estabilidade de Odo no Brasil

Mancha de óleo romeno dissolve polícia política

Castro passa exílio nos Filas Seychelles

Profêta ignora plano e perde popularidade




O ESTADO DE S. PAULO

Governo tem plano antidesemprego

Brasileiros comemoram 1992

Comunidade Europeia não ajuda mais brasileiros interessados

Assassinio de Danielle se apresenta à Justiça no Rio

Centralização avança saída de Escudário

Brasileiros comemoram 1992

Comunidade Europeia não ajuda mais brasileiros interessados

Assassinio de Danielle se apresenta à Justiça no Rio





O ESTADO DE S. PAULO

Ano começa com otimismo na economia

Paraná prevê "onda seca"

São Silvestre tem tradição e queriam no próximo lugar

1996

Paraná prevê "onda seca"

São Silvestre tem tradição e queriam no próximo lugar

1996





O ESTADO DE S. PAULO

Passarinho sugere subsídio para emprego

Mexicano ganha e bate recorde da São Silvestre

Prospira encontro mundo pessimista com relação a 91

Políticos que não comparecem a São Paulo

Constituinte empossado em São Paulo

Um ano de liberdade de expressão para o país

Passarinho sugere subsídio para emprego

Mexicano ganha e bate recorde da São Silvestre

Prospira encontro mundo pessimista com relação a 91

Políticos que não comparecem a São Paulo

Constituinte empossado em São Paulo

Um ano de liberdade de expressão para o país





O ESTADO DE S. PAULO

Empresário que retém IR pode ser preso

Chenwoyo é bicampeão

Políticos que não comparecem a São Paulo

Constituinte empossado em São Paulo

Um ano de liberdade de expressão para o país

Empresário que retém IR pode ser preso

Chenwoyo é bicampeão

Políticos que não comparecem a São Paulo

Constituinte empossado em São Paulo

Um ano de liberdade de expressão para o país





O ESTADO DE S. PAULO

FH diz que 97 será o ano do emprego

Quemismo e brasileira vencem a São Silvestre

1997

Prioridade do governo: zerar déficit público

FH diz que 97 será o ano do emprego

Quemismo e brasileira vencem a São Silvestre

1997

Prioridade do governo: zerar déficit público





O ESTADO DE S. PAULO

INSS tem como pagar os 147% em SP e no Rio

Mexicanos venceram a São Silvestre

INSS tem como pagar os 147% em SP e no Rio

Mexicanos venceram a São Silvestre





O ESTADO DE S. PAULO

FH assume com apoio quase unânime

Domingo

FH assume com apoio quase unânime

Domingo





O ESTADO DE S. PAULO

Indústria cresceu em 97, mas teme 98

CDNAS DE RIA DE ANO

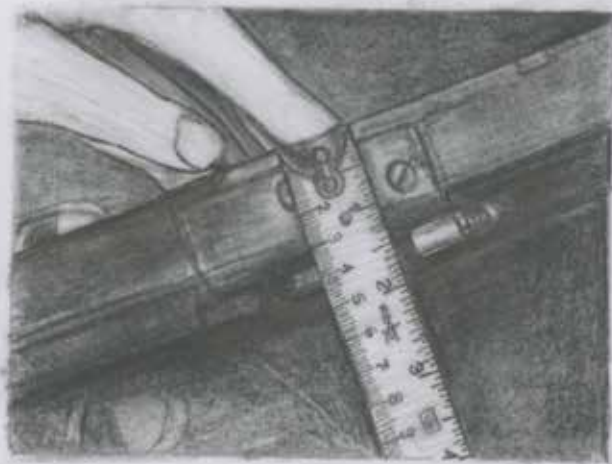
Indústria cresceu em 97, mas teme 98

CDNAS DE RIA DE ANO







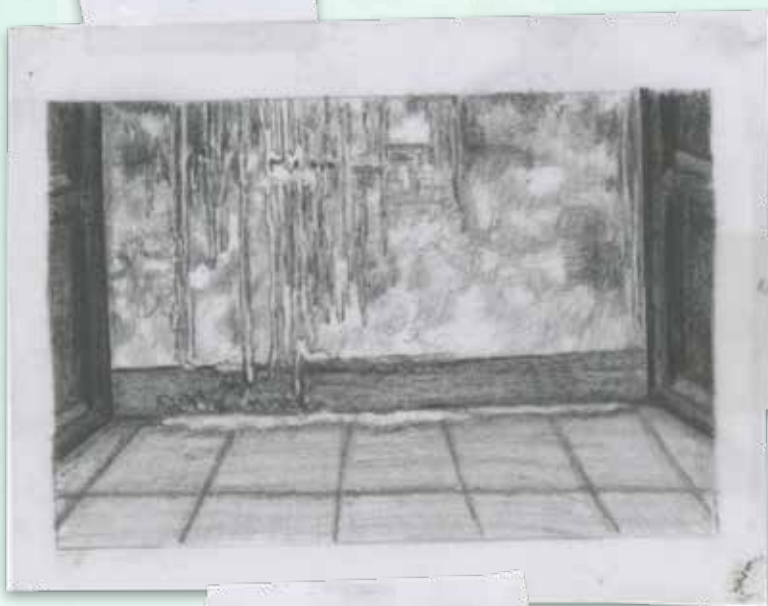


A separação do Janelo deve
 ser levada em conta p/ o funcionamento
 do trabalho



Requisitos de instalação

- Atento p/ encaixamento entre Janelos
- Lembrar de comprar puxador
 - pintar Janelo q/oi m/ instalado
 - Usar parafusos n° 10 para a placa
 - Usar parafusos n° 12 para Janelos



casas efecto de
desarrollo c/
Sapadon



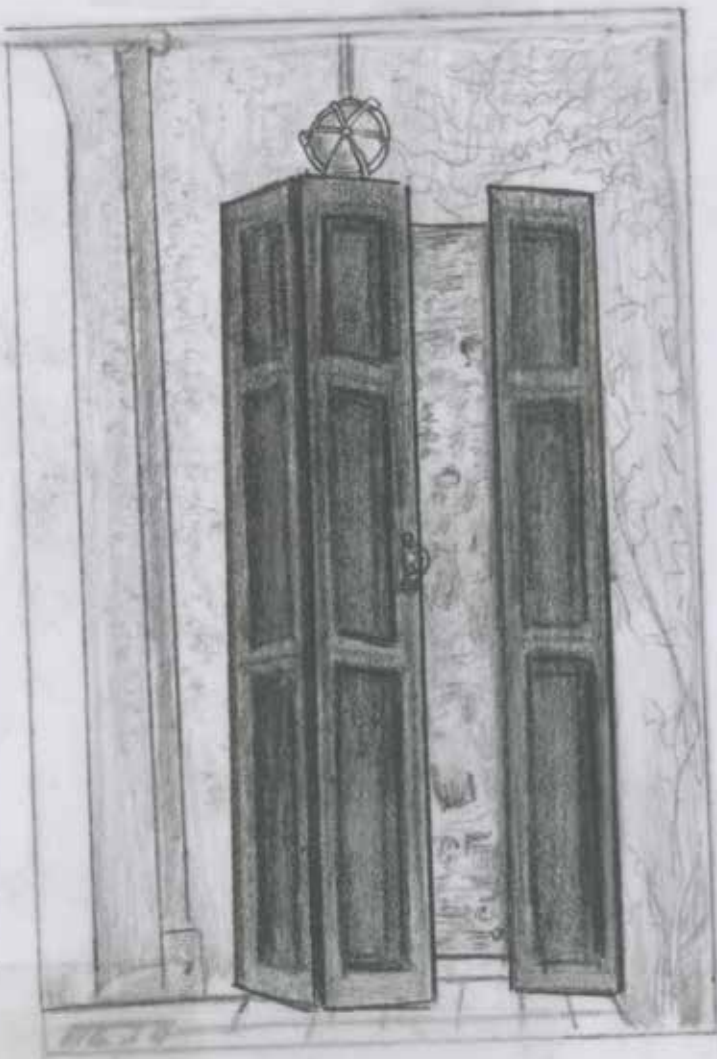


12 horas do



Imagem entre o ponto e o
nas regras em que ficou a
janela.

Visto Janela aberta



Janelo semi-aberto.
 Umso presto deves sempre
 ficar virado.



OP
two

202
1991

year
made

2002
1991

year

year
made

1991

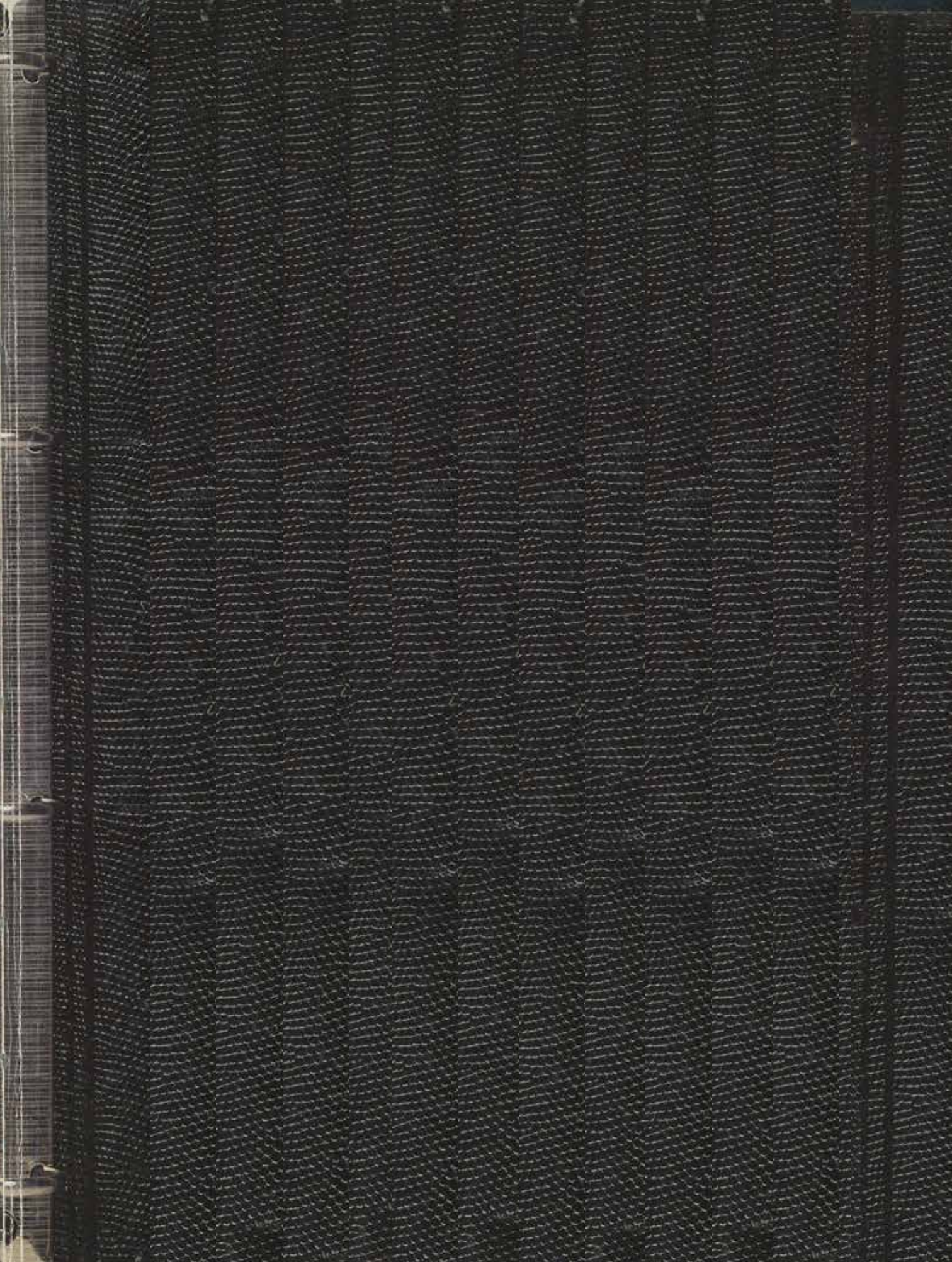
year
made

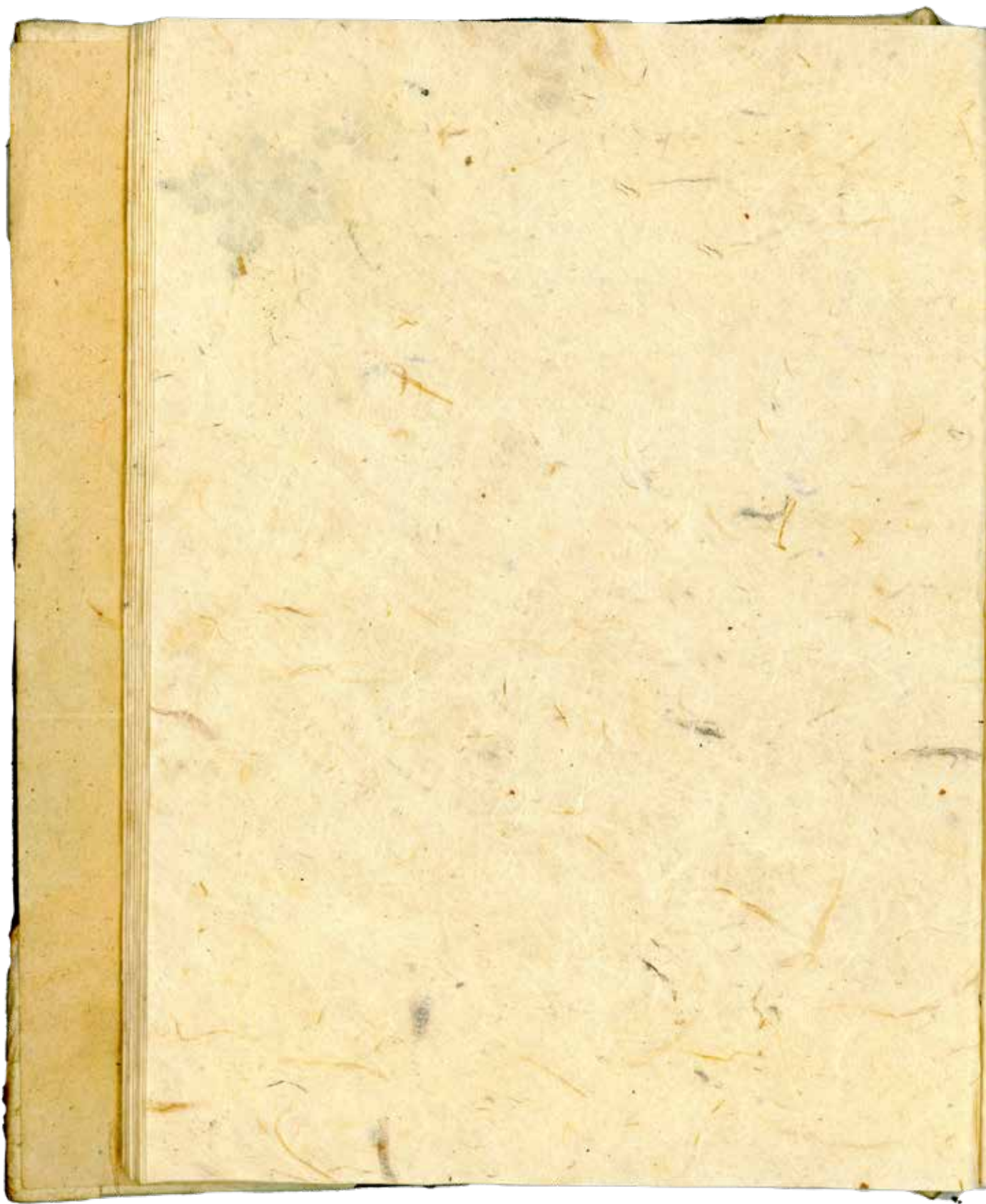
1991
1991

1991

1991

1991
1991





Projeto em andamento:

A lastramento dos
omicídios do presente
perpétuo pelos ruínas do
progresso.

Este texto produzido como experimentação para o pensamento, se constitui por registros de modos de segmentariedades. Não se trata apenas de uma escrita sobre matérias diversamente formadas, e ainda não formadas, mas também sobre suas linhas de fuga e movimentos desterritorializantes. Esses deslocamentos visam superar a disposição das comparações definitivas buscando elaborar uma espécie de dialética proliferante em oposição a uma dialética unificante. As referências nele (o texto) apontadas são indicadores de conexões entre as multiplicidades que o constituem como um todo aberto.

Essa forma de texto pretende reproduzir o processo criativo de *brasil Saturno* que aflora dos escombros da história, na solidão povoada de vozes emudecidas, em meio ao caos das ruínas que restam, do qual possibilidades de mundos emergem baseadas na construção de novas relações entre os seres. Buscou-se encontrar, no esgotamento, fagulhas virtuais, maneiras de superar a repetição do mesmo para fazer brotar a diferença e com ela as novas formas de vida.



Tentei traçar linhas heterogêneas que pudessem misturar regimes de signos distintos e, ainda, compor com eles estados de não signos (as puras qualidades) para escapar às estratificações paralisantes, às coagulações e à sedimentação de sentidos. O entorno em que procurei me dessubjetivar durante toda experiência é o plano de exterioridade em que cresceram as relações intersemióticas nas quais eu poderia divisar os pequenos fragmentos de terra nova.

Só é possível encontrar no texto agenciamentos coletivos. O objetivo foi tentar assentar as sementes da experiência Brasil Saturno em terrenos férteis para engendrar outras multiplicidades. Me interessou incitar, cultivar memórias para semear novos possíveis.







Importância.

Exemplo, o KVN

Tribuna do Supremo

EntreEstratos

"A conceituação do mundo e a criação do mundo estão entrelaçadas uma na outra – pelo menos para aqueles com o privilégio de transformar seus sonhos em ação. O relacionamento se dá nos dois sentidos: novos projetos inspiram novas formas de pensar, que também inspiram novos projetos" (TSING, *Viver nas ruínas*)



Fig1. Jornal com fungos

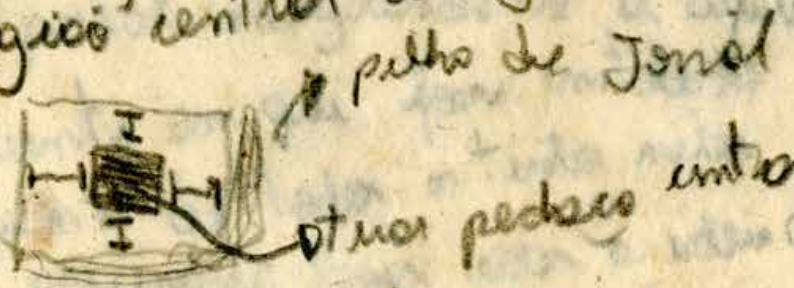
EntreEstratos é um experimento em processo fruto de uma sensação de esgotamento nos setores político, cultural e social da vida. Entre os anos 2020 e 2023, estávamos em meio à pandemia de Covid-19. No início desse período, surgiu o que chamaram de “novo normal”, expressão que se alastrava como promessa de união e empatia na sociedade. Mas, rapidamente, aquela que brotou como esperança para o nascimento de uma humanidade mais solidária e justa transformou-se em nova modalidade de subjugação do biopoder – ele transpôs as últimas barreiras que limitavam a sua ação invadindo todos os espaços, a intimidade, a privacidade, os hiatos que resguardavam um mínimo de liberdade aos indivíduos. Tudo passou a ser objeto de dominação – a casa, a rua, o lazer, o repouso, a folga... nada mais podia resistir ao controle. As separações entre os espaços de enclausuramento e os de autonomia se dissiparam. O tempo extraordinário foi anulado e ficamos presos, em suspensão, ao tempo ordinário². Tudo isso em meio à consolidação da extrema direita no país, com recorrentes notícias de práticas estatais genocidas e de dinâmicas extrativistas. Fomos abduzidos, vencidos pelo cansaço e impedidos de inventar novos afetos.

*

2 Para DaMatta (1997, p. 35), o contraste mais abrangente do tempo é o que pode ser estabelecido entre as rotinas diárias (situações ordinárias, em que o tempo é medido por meio de dias, horas e minutos) e situações extraordinárias, fora do comum, mas socialmente programadas e inventadas pela própria sociedade na qual estamos inseridos, como festas, cerimoniais, solenidades, etc. Nas ocasiões extraordinárias, o modo como são concebidos e medidos a duração e o espaço é alterado, não sendo mais quantificados, mas substituídos por uma duração vivida e concebida como emocional.

1) Cultivo simultâneo de três espécies de fungo utilizando jornais empilhados como húmus para o seu crescimento, optando num termo simbiótico para o desenvolvimento.

2) Para o cultivo de uma espécie de fungo, fazer buracos em jornais empilhados, buracos deve ser feitos na região central do jornal



uma estalite pl water um a um

ali inserir esporos

→ inserir esporos no buraco do jornal

3) Usar o material retornado
como base para novas
experiências, permitindo
uma multiplicidade.



como uma como-de-gato.

Certo dia, em meio a uma pilha de periódicos localizada em um velho depósito, vejo uma página de jornal em cuja superfície havia se formado uma colônia de diferentes fungos. A mim me pareceu uma curiosa simbiose: as notícias, efêmeras, em associação interativa com fungos, eternos. Aquele armazém úmido e mal iluminado, que antes me causava repulsa e no qual sentia vibrar uma sensação de podridão e morte oposta, nesse sentido, a um sentimento de vida, naquela visão, expressou uma possibilidade de re-existência e resistência: vi os jornais como matéria fértil, vital, húmus. Naquele instante veio-me à lembrança o que Donna Haraway chamou de *humusidades*, a sugestão da autora de que a palavra "humano" seria originada de "húmus", "daquele que volta para a terra porque dela faz parte" (HARAWAY, 2023, p. 62). Então, me direcionei para essa potencialidade vital que coexiste às ruínas, que poderia se atualizar onde, em princípio, não haveria indício de vida – para as composições improváveis, heterodoxas...

O acúmulo dos jornais impressos, sobrepostos uns aos outros, se assemelhavam visualmente a estratos geológicos. Cada dia uma nova camada era depositada e o conjunto dessas superposições expressava, na minha visão, uma acumulação incansável informações e palavras de ordem tornadas sem efeito, como ruínas sobre ruínas. O conjunto das vozes emudecidas e aprisionadas sob as pilhas dos informativos ultrapassados soavam como futuros embrionários querendo ganhar existência. Nessa perspectiva o empilhamento de antigos jornais explicitava a obsolescência programada do capitalismo. Essa imagem era para mim a expressão própria da uma ruína. Quais são as possibilidades de vida aprisionadas nos estratos do capitalismo?

Reuni um conjunto de jornais velhos sobrepostos e umedecidos, com uma mescla de esporos fúngicos para observar que relações interespecies e espaço-temporais poderiam surgir dessa experiência de mistura multiperspectivista e multi-generalista de materiais orgânicos e inorgânicos.

A primeira etapa desse experimento nasceu do desejo de investigar o surgimento de novas espécies. A ideia foi proporcionar um ambiente favorável a

esse acontecimento. No entanto, o próprio experimento era já o acontecimento estético em que a operação poética se converteu, isto é, a duração dessa mistura heterogênea que não para de se metamorfosear é, ela mesma, a obra, a nova espécie – um processo de individuação que não esgota o seu pré-individual, uma invaginação do fora. A individuação é a obra que expressa "(...) à aparição de fases no ser, as fases do ser; ela não é uma consequência depositada ao lado do devir e isolada, mas esta própria operação enquanto se efetua (...)" (SIMONDON, p. 101, 2003).

O método empreendido já é o próprio processo de criação sendo, ele mesmo, o pensamento enquanto se desenvolve, a obra em processo, cujo paradigma estético é o processual. Vale destacar, também, que o texto em que descrevo os meios e materiais usados na operação poética foi montado de forma paratática, procurando reverberar a experiência empírica em que o processo criativo se desenvolveu, cheio de tentativas e erros, sem uma lógica pré-determinada. As qualidades imanentes aos materiais é que foram determinantes da sequência de operações realizadas:

- Cultivo simultâneo de três espécies de fungo utilizando jornais empilhados como húmus para o seu crescimento, apostando numa forma simbiótica de desenvolvimento;
- Para a criação dessa nova espécie, *jornal-fungo*, cavei um buraco nos jornais empilhados; o buraco foi escavado na região central dos jornais onde são colocadas as manchetes (chamarei esta parte de *olho*³) – cortei com estilete os estratos formados pelos periódicos empilhados, retirando-os um por um até o penúltimo, o que restou serviu de solo fértil para plantar os esporos de fungos, que poucos dias depois, brotaram;

3 No jornalismo, *olho* refere-se a uma frase ou um trecho do texto, que se coloca em posição destacada na página, em corpo maior, eventualmente em cor diferente. Tem o objetivo de chamar a atenção do leitor para o ponto, ou os pontos, de maior importância que aquela matéria contém.

- O material retirado está servindo de base para uma nova experiência que está em desenvolvimento; por ora, coleí os fragmentos, uns nos outros, com parafina e reforcei essa colagem com pregos no intuito de fixar as novas composições estratificadas; o suporte sobre o qual esses novos conjuntos estão sendo "plantados" seguem a intenção de torná-los elementos múltiplos, intercambiáveis num arranjo que poderá sempre ser reconfigurado;

Para a finalização do experimento *EntreEstratos*, restava ainda descobrir uma maneira de manter essa nova espécie viva. Por sorte encontrei uma ironia de origem científica, no campo botânica: o processo de conservar as suas espécies para investigar suas vidas, exige que indivíduos delas sejam embalsamados (nesse caso, mortos). Nesse ponto encontro similaridades com a minha criação, pois o corpo dessa nova espécie *jornal-fungo*, formado pela simbiose entre os jornais e os fungos, estão sendo mantidos "vivos" pelo uso da parafina, que, no entanto os embalsamam – o método de eternizar um ponto de vida dessa nova espécie consiste no embalsamento de uma fase de seu processo de individuação.

*

" FUNGOS SÃO ARREDIOS
AO DUALISMO ESTÁTICO "



Estive nas nuvens
e lembrei de você.

De:
Para:



FIO PI QUE
COGNACCO SE DESENVOLVAM
E DOS LADOS

" SOBRE A POSSIBILIDADE DE VIDA
NAS RUÍNAS DO CAPITALISMO "

AS ÁRVORES QUE RESISTEM EM MEIO A CIDADE
DE CIMA SE PARECEM BROCOLIS



↳ "ESTRATOS" opoí esitor, e
ponta a po refino

11 | Economia & Negócios | 15 DE ABRIL DE 2010 | 74

E&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

COMECE AS MELHORES SOLUÇÕES CORPORATIVAS EM NOSSAS LOJAS!

atec Original Design

Mutação. Após dois anos em queda, 'nova classe média' ganha ritmo de alta anuais de consumo em 2010, com o melhor índice de recuperação após de desemprego em alta. Famílias estão dispostas a voltar a comprar bens de maior valor, mas de olho em custos benéficos

Classe C volta a crescer, vê futuro com otimismo e deixa consumo-ostentação

AWD.

"Por que o carro japonês incomoda o Jeep, está no mercado por mais de 20 anos e ainda assim impressiona a nova geração de SUV de Subaru."

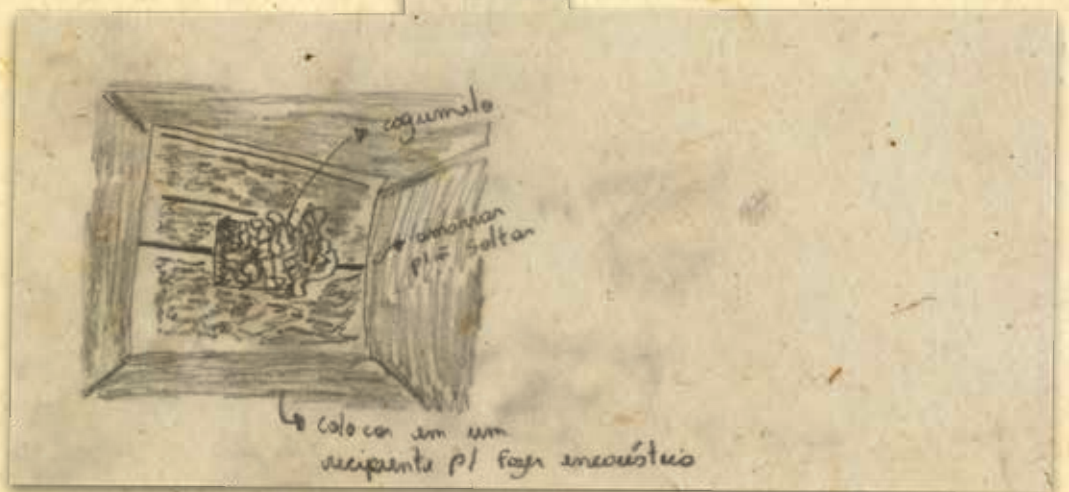
"Participar de alguns testes de pista com o novo Subaru XV, que está equipado com a tecnologia Eye Sight, dá ânimo ao motorista no momento de dirigir. E depois compramos no saber que o SUV japonês custa R\$ 77,7 mil por ano, um bom investimento."

universidade por desempenho

Atualmente, o Brasil, ao mesmo tempo, tem o tamanho da Índia, mas o dobro da população. Isso exige um salto tecnológico e econômico.

marca de Eduardo

Journal contado sobraposto
 Sobu Journal n contado





O ESTADO DE S. PAULO



80CM - FOLHA 1ª DE 52 - 08/04/2021 - R\$ 6,00 - ANO LXV - Nº 3011

estado.com.br



FALTA A SEGUNDA

Sob cerco político e econômico, Bolsonaro recua e elogia Moraes

Mercado vê juízo a 9% após novo avanço da inflação

Principais notícias da manhã

69-9200-1000

ENTRE

Est

Esta

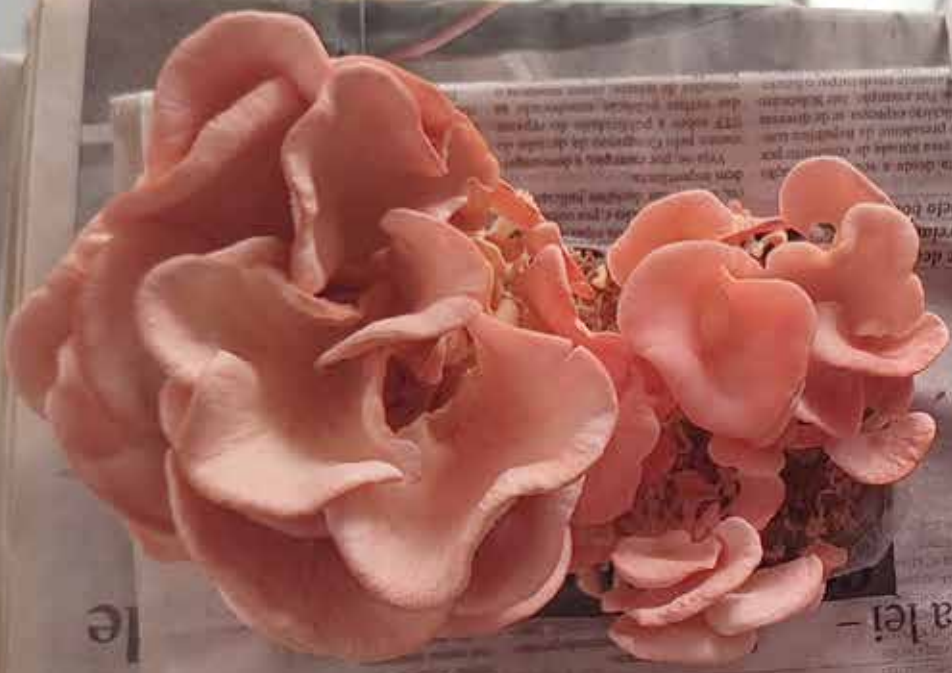
Vera

o de

do

10

Tem



Carbono, mercado de oportunidades verdes

ESPAÇO ABERTO

O ESTADO DE S. PAULO

45

O Supremo - e a lei -
sob ataque

O descumprimento pelo Congresso de
sobre a publicidade das emendas de retificação
retrocesso institucional instaurado pelo bo

S

as colônias de rapina e
inimigo do bicentário
contra o Supremo. Formou
Fabrício (STF). Ao comentar
a situação do ambiente
de decisão e julgamento.

Indústria desde a reforma
de fato, para atrair de comércio por
parte do presidente da República.
re a indústria exportadora de gás.
nacional. Por exemplo, nos últimos
dois anos, o Brasil não conseguiu
vender mais gás natural do que
consumiu.

Brasil foi o primeiro
país a aprovar um
projeto de lei para
reduzir o consumo de
energia elétrica em
edifícios comerciais.

INCLUI CLASSIFICADOS

FORN E MEX

BRILHANTE E COM O PREÇO DE 200

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó (SC): Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta – e outros textos*. (Ed. prep. por David Lapoujade;

HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuliceno*. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

OLIVEIRA, B. Em Imagem – reino do intermédio. Texto apresentado no curso de pós-graduação “Modos Contemporâneos de Produção de Imagens Poéticas”, ministrado no Departamento de Artes Plásticas (CAP), da ECA-USP, no 2º semestre de 2020.

ROBIN, Armand. *A palavra falsa*. Trad. e introd. Stella Senra. São Paulo: n-1 edições, 2022.

SIMONDON, Gilbert. *A gênese do indivíduo*. in *Cadernos de Subjetividade: O Reencantamento do Concreto* São Paulo: Editora Hucitec, 2003. p. 98 a 112

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IED/Mil Folhas, 2019.

